

HYGIENE DA PRIMEIRA INFANCIA

6212 ENC

Paro a dia 9 de Novembro
pelas 12 horas da manhã -

Presidente A. de S. Antõ-
nio d'Almeida Monteiro

Presbítero

Dr. Agostinho Ant. do Souto

Cardeal Augusto Corrêa Pinho

Antônio Placido de Castro

Maximiliano de Lemos Jr.

N.º 2
N.º 698
HYGIENE

DA

PRIMEIRA INFANCIA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA À

Escola Medico-Cirurgica do Porto

POR

AURELIA DE MORAES SARMENTO



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA

Rua do Bomjardim, 181

1891

62/2 EMC

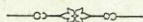
ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

VISCONDE DE OLIVEIRA

SECRETARIO O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE



CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

OS ILL.^{mos} E EX.^{mos} SRS.

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva e geral | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia | Vicente Urbino de Freitas. |
| 3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica | Dr. José Carlos Lopes. |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa | Antonio J. de Moraes Caldas. |
| 5. ^a Cadeira — Medicina operatoria | Pedro Augusto Dias. |
| 6. ^a Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos | Dr. Agostinho A. do Souto. |
| 7. ^a Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna | Antonio d'Oliveira Monteiro. |
| 8. ^a Cadeira — Clinica medica | Antonio d'Azevedo Maia. |
| 9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica | Eduardo Pereira Pimenta. |
| 10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica | Augusto H. Almeida Brandão. |
| 11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia | Manoel Rodrigues Silva Pinto. |
| 12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semiologia e historia medica. | Illidio Ayres Pereira do Valle. |
| Pharmacia | Isidoro da Fonseca Moura. |

LENTES JUBILADOS

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| Secção medica | José d'Andrade Gramaxo. |
| Secção cirurgica | Visconde de Oliveira. |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|----------------------------|--------------------------------|
| Secção medica | { Antonio Placido da Costa. |
| | { Maximiano A. Lemos Junior. |
| Secção cirurgica | { Ricardo d'Almeida Jorge. |
| | { Candido Augusto C. de Pinho. |

LENTE DEMONSTRADOR

- | | |
|----------------------------|------------------------------|
| Secção cirurgica | Roberto B. do Rosario Frias. |
|----------------------------|------------------------------|

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escóla de 23 d'abril de 1840, art.º 155.º)

A MEU EXTREMOSISSIMO PAE

A MINHA QUERIDA MÃE

A MINHAS IRMÃS E A MEU IRMÃO

AOS MEUS TIOS-AVÓS

D. Venancia Rosalina de Moraes Lucena

Jeronymo de Moraes Sarmiento

Ultimos representantes da velha raça dos fortes; herdeiros do vivo sentimento liberal, democratico, que levou seus irmãos ao martyrio civico da *Praça Nova*, e que a elles os arrastou por as prisões d'estado, por o desterro e por a deportação, como presa vil.

A MEU PADRINHO

O EX.^{mo} SR.

DR. ANTONIO AUGUSTO SOARES DE SOUSA CIRNE

A TODOS OS MEUS PARENTES

E

ÁS MINHAS AMIGAS

A

AO EX.^{mo} SR.

Dr. Theophilo Braga

E SUA EX.^{ma} ESPOSA E MINHA AMIGA

D. Maria do Carmo Xavier Braga

À MEMORIA

DE

SEUS FILHOS E SEUS AMIGUINHOS

Theophilo e Maria da Graça

Á MEMORIA

DO

DR. ANTONIO VICTORINO DA MOTTA

AO CORPO DOCENTE
DA
ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

E ESPECIALMENTE AOS EX.^{mos} SRS.

Dr. João Pereira Dias Lebre
Dr. Agostinho Antonio do Souto
Dr. Eduardo Pereira Pimenta
Dr. A. H. de Almeida Brandão
Dr. Ricardo d'Almeida Jorge
Dr. Roberto Belarmino do Rosario Frias

AOS MEUS PROFESSORES

DA

ACADEMIA POLYTECHNICA

OS EX.^{mos} SRS.

Dr. Aarão Ferreira de Lacerda

Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva

Conde de Campo Bello

Dr. José Diogo Arroyo

Dr. Manoel Amandio Gonçalves

AOS MEUS PROFESSORES

DE

ENSINO SECUNDARIO

OS EX.^{mos} SRS.

Dr. Antonio Augusto d'Almeida Pinto

Dr. Augusto Manoel Alves da Veiga

Bernardo Valentim Moreira de Sá

Charles Chambers

Dr. Florido Telles de Menezes Vasconcellos

Francisco Delphim de Carvalho Magalhães

Joaquim Leite

José Pereira da Cunha e Silva

José Victorino Ribeiro

Julio Costa

Justino da Silva Braga

Narciso José de Moraes

AO MEU PRESIDENTE

O EX.^{mo} SR.

Dr. Antonio d'Oliveira Monteiro

INTRODUCCÃO

Ha uma época na vida em que o individuo mais carece dos cuidados da hygiene. Essa época é a infancia.

Apenas a creança, essa pequena chrysalida do homem, como lhe chama Fonsagrives, faz a sua entrada na vida, mostra desde logo as intimas dependencias que tem da sociedade e da familia.

Cumpre, pois, immediatamente prodigalisar-lhe todos os cuidados de que ella necessita para o seu perfeito desenvolvimento.

A mãe incumbiria particularmente tão importante missão, quando a esse ideal de sentimento com que a dotou a natureza reunisse um certo numero de conhecimentos, sem os quaes é impossivel empregar

com aproveitamento o que a pratica e a sciencia aconselham como necessario, pois são tão numerosas e delicadas as circumstancias em que se vê agitado o homem n'esse alvorecer da vida, que nem sempre é facil prevenil-as.

Sabemos avaliar quanto é ardua tão gloriosa tarefa; mas se a par da mãe estiver a mulher intelligente que saiba opportunamente libertar-se d'esse excesso de ternura ás vezes tão cega e tão imprudente, para poder vêr com as luzes da razão o alcance dos actos que pratica, poderá com esforço e trabalho conseguir modelar sabiamente o homem que mais tarde ha de conquistar um lugar na sociedade.

Tratemos, portanto, de observar quaes as regras hygienicas que devem proteger a creança desde que, physiologicamente fallando, se estabelece a sua respiração até que ella sahe do regaço da mãe.

Ora, poderiam e com razão argumentar-nos já n'este ponto, se não seria logico preceder este trabalho d'un capitulo em que se tratasse da hygiene da gravidez...? Sim, seria; a hygiene da creança deve realmente ter começo já no ventre materno.

Os differentes trabalhos que sobre este assumpto temos lido, visam de facto á hygiene da mãe, e, permitta-se-nos o termo, á prophylaxia futura do filho. Os nume-

rosos cuidados de que ella se cerca no seu regimen, vestuario, exercicio physico e moral, etc., tendem principalmente a proteger a creança que traz no seio.

Mas, por esse principio, seriamos ainda mais rigorosos, se áquelle capitulo antepozessemos ainda outro que versasse sobre a hygiene do casamento e, assim retrogradando, iriamos cahir no mesmo ponto—Hygiene da primeira infancia.

Seja-nos licito, portanto, limitarmo-nos simplesmente a este periodo, que bem difficil se nos affigura já para a mediania das nossas forças.

No entanto:—o que é que devemos entender por primeira ou segunda infancia? Terão estes dous periodos limites tão cara-

cterisados que possamos separal-os? Não; sabe-se que o trabalho do desenvolvimento organico na creança se opera insensivelmente e sem transição accentuada. Portanto, esse limite é artificial e pôde variar segundo o ponto de vista em que nos colloquemos.

Se consideramos anatomicamente a evolução da creança, admittimos plenamente a opinião d'aquelles que propõem, para essa phase de demarcação, a queda dos primeiros dentes.

A primeira infancia ficaria, pois, comprehendida no espaço de tempo que medeia entre o nascimento e a idade dos sete annos.

Sendo, porém, verdade que o rompi-

mento dos dentes da segunda dentição constitue em si um phenomeno organico que, em virtude da constancia com que se manifesta, pôde ser considerado como um ponto de reparo no estudo das idades, é todavia necessario notar primeiramente que esses dentes existiam já na espessura das maxillas antes de pungirem o tecido exterior; que não são, por consequente, órgãos novos; e, por outro lado, o que é ainda mais importante a notar, é que nada se alterou, pelo menos de uma maneira notavel, nas condições hygienicas da creança com a queda dos primeiros dentes.

Olhando agora a questão pelo lado hygienico, encontramos, pelo contrario,

um limite muito natural na primeira infancia. Esse limite coincide com o fim da lactação e o começo da funcção da mastigação.

No utero recebia o embryão pelo sangue e por intermedio da placenta os seus alimentos, já digeridos pela mãe; depois até á idade de dezoito mezes ou dois annos é ainda esta que lh'os fornece sob a fórma do leite. Agora que ella vae abandonar o seio fará uso dos dentes para dividir e preparar, para a digestão, as substancias alimentares.

Comprehende-se no emtanto, que não podemos affirmar que seja o periodo de lactação precisamente aquelle que coincide com a idade de dezoito mezes a dous

anos, porque no seu decurso nem sempre a creança faz uso exclusivo do leite. Toda a divisão das idades soffre indubitavelmente numerosas excepções.

Não nos deve surprehender isso; os phenomenos da vida estão de tal modo dependentes das influencias externas, que o tempo não pôde medir, n'um dado momento, o movimento realisado. O que podemos avançar é que em uma certa época que, como dissemos, pôde variar, a creança deixa de fazer uso da lactação, parecendo terminar assim esse periodo que denominamos primeira infancia.

E' então que começam as funcções da vida de relação a desenvolver-se. Principia a creança a andar e a fallar, e

na sua intelligencia, até esse ponto tão nebulosa, vão-se formando as primeiras operações do entendimento. Já reage pela sua actividade propria sobre o exterior, resultando d'ahi naturalmente indicações novas para a sua hygiene que se nos apresenta sob um outro aspecto.

Posto que a educação moral não possa propriamente começar na creança antes do segundo periodo da vida, a puericia, póde todavia, e sobretudo n'esta altura, ir edificando sobre aquelle crepusculo do intellecto os alicerces d'essa educação.

Não consiste, pois, como alguns querem, a hygiene da primeira infancia exclusivamente na educação physica do novo ser.

É no entanto, essa educação a que deve predominar, e esse conjuncto de modificadores hygienicos ou materia de hygiene, dirige-se principalmente ás suas funcções de nutrição que são as que mais cuidados reclamam e exigem.

Hygiene da creança no primeiro dia da sua existencia

Cuidados immediatos

Eis a creança fóra do ventre.

Procuremos immediatamente deslocal-a do sangue e liquidos que a envolvem, e demos-lhe a posição mais favoravel para que as aberturas naturaes das vias respiratorias fiquem perfeitamente livres.

Essa posição será o decubito dorsal ou lateral; preferiríamos, porém, este áquelle porque succedendo algumas vezes a cavidade buccal do recém-nascido vir com agua e mucosidades, a sua sahida seria facilitada d'aquella fórma, ao passo que na primeira posição esses liquidos cahiriam so-

bre o fundo da cavidade e a respiração seria embaraçada, podendo mesmo dar-se uma completa asphyxia.

Esses accidentes que algumas vezes acompanham ou seguem o nascimento da creança, traduzindo-se por um estado de morte apparente que se apresenta sob aspectos e graus diversos, vulgarmente designados pelos nomes de apoplexia, asphyxia e syncope dos recém-nascidos, devem-se em grande parte á difficuldade que a primeira respiração experimenta em estabelecer-se. D'ahi a razão porque recomendamos aquellas precauções.

Suppondo que a creança nasceu com pouca vida ou foi impossivel obstar a que se produzissem taes accidentes, não devemos desanimar nem perder tempo. Borrife-se-lhe immediatamente o rosto com agua fria e em seguida, com um panno quente, friccione-se-lhe todo o corpo.

Com isto consegue-se muitas vezes reanimar a creança dentro em pouco; mas se estes cuidados forem ainda insufficientes, recorreremos á insuflação e respiração artificial.

Procede-se em seguida á secção do cordão umbelical.

Primeiramente devemos verificar que este se não encontre enrolado em torno do pescoço. Depois colloca-se uma primeira ligadura a seis centímetros approximadamente do umbigo do recém-nascido; e ficando assim uma porção ainda sufficiente para praticar um pouco mais acima, uma segunda ligadura, chamada de segurança, corta-se o cordão entre as duas.

Diz-se que esta ultima tem vantagens e inconvenientes; como vantagens cita-se a prevenção da hemorrhagia no caso de gravidez gemellar, hemorrhagia que podia ser fatal á outra creança; a suppressão da hemorrhagia pela veia umbelical no caso de adherencia da placenta; a limpeza hygienica do leito que fica isempto de sangue e a facilidade maior para a placenta se descollar entumecida como está pela retenção dos liquidos nos vasos placentares. Como simples e unico inconveniente refere-se o volume que uma placenta assim entumecida oppõe á sua sahida pelo collo uterino.

Em conclusão, infere-se d'aqui que não

é essencial aquella segunda ligadura, mas que é mais seguro effectual-a sempre que houver tempo para isso.

Quanto á primeira, essa é de toda a necessidade e aquelles que julgam prescindir d'ella commettem um grave erro, se bem que, diga-se a verdade, em alguns casos este facto não tenha tido consequencias serias por isso que a circulação definitiva se estabelece algumas vezes regularmente depois do nascimento, mas basta um obstaculo á respiração para que uma hemorragia se produza e comprometta a vida da creança.

Não se traga para exemplo o que se dá nos animaes para nos desmentirem n'estas affirmações; estes não ligam, é claro, o cordão aos filhos, mas mastigam-no quando elles sahem, sendo, portanto, a hemorragia menos para recear.

O que está ainda para resolver é se é indifferente ligar o cordão antes de o cortar, como dissemos, ou ligal-o depois d'isso como fazia Pajot. Parece que o estado do recém-nascido é que deve resolver a questão.

Quando nasce, a creança traz o corpo

quasi sempre coberto d'uma materia gorda ou enducto sebaceo bastante espesso em certas partes como cabeça, axillas e regiões nadegueiras e, além d'isso, vem suja com sangue e outras materias que se escoaram no momento do parto.

Torna-se, pois, necessario laval-a para facilitar a transpiração cutanea, que do contrario se acharia em grande parte suprimida.

A creança é então mettida n'um banho morno, devendo estar completamente coberta pela agua afim de evitar a evaporação d'esta á superficie do corpo e não se demorar muito tempo ahi.

Previne-se d'esta fórma o arrefecimento que é de todo o ponto prejudicial.

A agua morna póde tirar facilmente o sangue e as mucosidades, mas a materia gorda permanecerá.

A agua de sabão, salgada ou alcalina, não levantam esse enducto senão n'um estado de concentração que as tornaria perigosas. Portanto devemos extrahir aquella materia com um corpo gordo, azeite, cera ou banha bem fresca. E quando estas sub-

stancias tiverem bem diluido aquelle en-
ducto, facilmente o destacaremos com um
panninho macio, enxugando amorosamente
a creança.

Preferem alguns áquellas substancias a
gemma do ovo, porque esta se emulsiona
com o corpo gordo, formando um com-
posto que se mistura facilmente com a
agua. Lavam em seguida a creança com
uma esponja fina embebida em agua mor-
na, evitando attritos rudes em consequen-
cia da pelle tenra e delicada dos recém-
nascidos.

O banho pôde tambem já estar prepa-
rado previamente, e pessoas ha que jun-
tam á agua, vinho ou alcool.

Estes estimulantes não teem inconve-
nientes quando empregados em pequena
dóse; podem mesmo ser uteis algumas
vezes.

O banho d'agua fria, que tambem algu-
mas vezes se usa, é uma pratica detestavel,
porque, como sabemos, o recém-nascido
arrefece com facilidade e os accidentes gra-
ves que poderiam d'ahi resultar condem-
nam-no absolutamente.

Depois de bem lavada e enxuta a creança, tem-se durante algum tempo embrulhada n'um lençol de tecido macio e quente afim de lhe tirar um resto de humidade que pudesse conservar, evitando assim que se produza o arrefecimento pela evaporação.

Devemos ainda attender a um outro ponto:—Mais tarde a queda do cordão umbelical e o trabalho de eliminação que a acompanha, expõem a creança a varios accidentes, taes como a hemorrhagia umbelical, a erysipela e a gangrena do umbigo, a phlebite umbelical e o tetano dos recém-nascidos. É necessario, pois, procurar evitar de qualquer fórma aquelles inconvenientes. Para isso deve proteger-se por meio d'um penso, contra toda a causa de irritação, essa parte que ficou adherente ao umbigo. Toma-se uma compressa quadrada, no centro da qual se acha um orificio destinado a abraçar a raiz do cordão, e rasga-se um dos lados desde esse orificio central até ao bordo. Faz-se passar a raiz do cordão pelo orificio central e as duas metades da compressa dividida, applicam-se

sobre o cordão, tendo o cuidado de o voltar sobre o lado esquerdo do abdomen para não comprimir o figado. Applica-se depois por cima uma segunda compressa que se fixa por meio d'uma ligadura em torno do corpo da creança, envolvendo-o, sem grande pressão, em duas ou tres voltas.

O cordão cae do quarto ao quinto dia.

Depois d'isso continua-se o penso até á cura completa da ferida; todavia, o melhor procedimento n'esta conjunctura, consistiria n'uma compressa secca que se applicasse sobre o umbigo previamente salpicado de pó de amido ou lycopodio.

Mas, antes d'isso, estando a creança ainda com o primeiro penso, devemos occupar-nos do seu vestuario.

Primeiramente cobre-se-lhe a cabeça com uma touquinha de tecido fino meio usado, por cima d'esta uma de flanella leve e por ultimo uma outra da mesma natureza que a primeira. Veste-se-lhe em seguida uma camisa e um colletinho de algodão ou de flanella. Se fizer frio póde collocar-se, entre estas duas peças, uma terceira de flanella. As mangas da camisa

deverão ser largas para que a mão da pessoa que a está vestindo possa procurar com facilidade a da creança, evitando assim o exercer qualquer esforço que pôde bem determinar a fractura dos ossos ainda tão frageis. Finalmente, envolve-se a creança n'uma porção de panno e n'uma ou duas baetilhas, consoante a temperatura do ambiente.

Não se deve de fôrma alguma fazer uso de alfinetes n'esta *toilette*. Substituem-se perfeitamente, e com vantagem, por laços de fita, olhando sempre a que este vestuario seja folgado, que os movimentos da creança sejam livres afim de que a sua respiração se não ache embaraçada.

Parece-nos inutil accrescentar que tudo isto se deve fazer n'um quarto convenientemente aquecido.

Depois de vestida a creança, convirá, como aconselham alguns, dar-lhe alguma cousa emquanto espera o seio da mãe?

E quanto tempo deve ella esperar esse alimento materno?

Em certos paizes é costume purgal-a primeiramente fazendo-lhe tomar uma pe-

quena porção de xarope de chicoria, maná ou óleo de amendoas doces; mas nós não julgamos que haja necessidade de administrar esses purgantes, desde o momento que a creança se apresente apparentemente saudavel.

A agua assucarada, que tambem alguns costumam administrar, tem o inconveniente de determinar muitas vezes vomitos, que é verdade não teem consequencias graves, mas que é sempre conveniente evitar.

Parece-nos, pois, inutil que ella tome alguma cousa, a menos que por qualquer circumstancia se demore muito a aleitação.

O seio deve em geral ser-lhe apresentado algumas horas depois de nascer, logo que a mãe tenha repousado das fadigas do parto. E isto por duas razões muito importantes:

A primeira é que o estado de dureza e distensão das glandulas que sobrem na época da febre do leite, demoraria por muito tempo á creança a possibilidade de mamar e, sendo ella de constituição fraca, não soffreria impunemente essa demora.

A segunda razão é que o primeiro leite ou colostro é util para operar a evacuação do meconio e prevenir as colicas que occasiona por vezes a sua retenção. Actúa como um verdadeiro purgante, devendo preferir-se a todos aquelles com que, alguns, o querem substituir.

Satisfeitas assim as primeiras necessidades ao estomago da creança, torna-se necessario deital-a.

Convem desde o começo banir o costume de deitar a creança no leito da mãe ou ama. Ella deve dormir sempre no seu berço. E, uma das razões que apresentamos já, é a maior facilidade em dispôr este de fórma que a creança não caia com qualquer movimento que faça, o que poderia succeder se a mãe a deitasse comsigo sem aquellas precauções.

Mas o maior inconveniente ainda em dormir com as creancinhas d'esta idade é outro:— é a possibilidade de as mães, adormecendo com ellas conchegadas ao seio, asphyxiarem-nas durante o somno. Ainda ha bem pouco tempo tivemos conhecimento d'um caso d'esses.

Uma mulher que se achava como ama em casa de uma familia das nossas relações foi injustamente accusada do crime de infanticidio.

Conheciamos-lhe o costume de se deitar com a creança, mettendo-lhe primeiro o seio na bocca, affim de a adormecer mais facilmente, dizia ella. Muitas vezes a foram encontrar profundamente adormecida com a creancinha a debater-se, esforçando-se por se affastar dos seus seios tumidos. Fizemos-lhe ver a sua imprudencia, mas ella ou por commodidade ou por outra qualquer razão que não sabemos explicar, não ouviu estas sensatas admoestações. Quiz então a fatalidade que pouco tempo depois visse ella em seu proprio filho a terrivel consequencia do seu desprendimento por aquelles racionalissimos conselhos, defrontando ao acordar com o pequenino ser morto a seu lado!

Além d'isso tal pratica contraria preceitos d'hygiene, por motivos que nos dispensamos agora de apontar.

Portanto, terminada a primeira refeição, a creança, que naturalmente adorme-

ceu nos braços da mãe, deve ser immediatamente collocada no seu berço.

Este póde variar na fôrma e material de que é construido, mas o que é necessario é que seja disposto de maneira que as partes lateraes do berço fiquem um pouco elevadas acima do corpo da creança afim de evitar essas quedas a que já alludimos.

D'esta maneira não é necessario prendel-a ao berço, como se faz ainda algumas vezes, quando circumstancias de qualquer ordem não permitem uma vigilancia constante.

Colloque-se então a creança o mais commodamente possivel no leito, dando ás roupas uma leve inclinação da cabeça para os pés; o berço deve ficar n'um quarto em que o ar se renove facilmente.

Se fôr de inverno devemos aquecer-lhe as roupas, fazendo passar, por exemplo, no meio d'ellas, botijas com agua quente.

Essas roupas não devem ser leves, mas tambem não convem que sejam pesadas de mais. A creança não deve habituar-se a uma temperatura muito alta.

Finalmente, o colchão e as travesseiras

do berço devem ser de substancias que se sequeem com facilidade e se não impregnem cedo de maus cheiros. Podem, por exemplo, ser de aveia ou crina.

E eis tudo o que se nos affigura dever notar com relação aos cuidados do recém-nascido no primeiro dia.

Agora passaremos a expôr as regras hygienicas relativas ao infante, desde o dia seguinte ao do seu nascimento até ao desmame.

Essas regras dirão respeito á sua alimentação, cuidados de limpeza, vestuario e desmame.

Alimentação

Aleitamento

O estado, por assim dizer, rudimentar dos órgãos digestivos do recém-nascido, leva-nos naturalmente a concluir a necessidade para elle de um alimento especial que não exija d'aquelles órgãos nem força nem trabalho para ser elaborado.

O leite, como adiante vamos ver, satisfaz plenamente a essas condições. É o primeiro e unico alimento que convem á creança e que ainda deverá constituir a base da sua alimentação, durante todo o tempo da primeira infancia.

Apresenta-se sob o aspecto de um liquido branco, com um sabor dõce e agra-

davel, constituido sob o ponto de vista anatomico por um vehiculo liquido, tendo em suspensão particulas solidas ou globulos. A parte liquida constituida em grande quantidade por agua contém a caseina no estado de dissolução, separando-se pelos acidos ou pela acidificação espontanea do leite no fim de alguns dias. Encontram-se n'elle as materias salinas que existem na maior parte dos liquidos animaes e um principio particular designado pelo nome de assucar de leite que dá origem pela fermentação espontanea ao principio acido, designado pelo nome de acido lactico.

A parte solida ou os globulos do leite são vesiculas de volume muito variavel que encerram manteiga e cujo envolvero parece ser tambem de natureza caseosa; umas teem o volume dos globulos do sangue ou menos, outras teem um diametro duas, tres ou quatro vezes mais consideravel.

Eis resumidamente a composição chimica do leite. É, como se vê, um alimento completo e como que previdentemente preparado.

O que a physiologia designa pelo nome de alimentos plasticos e respiratorios, encontra-se n'elle representado pela caseina, pela manteiga e assucar de leite. A agua e os saes, cuja necessidade não, é tambem menos imperiosa na alimentação, acham-se ahí em proporções consideraveis.

Mas nem todas as especies de leite satisfazem ás condições de digestibilidade da creança; parece que o da mulher é o unico que convem perfeitamente a esta primeira idade. E não é mesmo indifferente, como alguns crêem, que a creança seja alimentada com o leite da mãe ou com o de outra qualquer mulher. O aleitamento é um santo dever que a natureza impôz á mãe.

Os antigos mesmo asseveravam que as mães não podiam furtar-se a esse dever sem que offendessem a moral. A amamentação materna era um dever sagrado.

Os gregos e os romanos consideravam um opprobrio confiar seus filhos a amas extranhas. Mais tarde é que as suas mulheres começaram a distrahir-se d'esse dever que d'antes com tanto orgulho satisfaziam.

E hoje é vulgarissimo vê-las, com pretextos ás vezes bem mal simulados, furtarem-se a esse complemento de maternidade.

Entre nós, é frequente o preconceito de que quasi fica mal a uma senhora, sobretudo se ella pertence a uma certa camada social, dar o seio a seus filhos.

Sacrificam-se os dulcissimos sentimentos da mãe ás exigencias convencionaes do meio em que foi educada a mulher!

E á creança, esse ser tão tenro e delicado, rouba-se assim o regaço da mãe! N'essa idade, em que ella mais sujeita está a milhares de accidentes, subtrahem-na aos minuciosos cuidados que só o puro amor maternal lhe sabe dispensar; recusa-se-lhe o alimento que os peitos maternos lhe destinavam para o abandonarem a cuidados e leite mercenarios com que se lhe derranca a miúdo a constituição e a saude, talvez o coração e todos os germens da moral e da virtude.

Mas não é contra a mulher que nos queremos insurgir n'este momento, por transgredir assim essa lei da natureza. A

ella não cabe a responsabilidade pelo erro que a maior parte das vezes commette inconscientemente. Ignorando que uma das mais importantes causas de decadencia de seus filhos derivou da maneira leviana, sem regras nem principios, porque foi dirigida a sua primeira alimentação, suppõe perfeitamente natural e sem inconvenientes ministrar-lh'a d'uma maneira que julga mais commoda, entregando-a a uma ama ou reduzindo-a até ao aleitamento artificial.

Quando mesmo o medico consultado em materia d'esta ordem conseguisse chegar a convencer-a das graves consequencias do seu illusorio modo de pensar, como poderia forçal-a a subtrahir-se a esses disparatados usos da sociedade, que dominam tantas vezes os actos da nossa vida!

Certamente seria difficil a tarefa, talvez mesmo invencivel.

Preveja-se a critica ridicula a que se exporia a mulher aristocrata que se apresentasse n'uma assembleia ou sala de espectáculo a dar o seio a seus filhos. E isto porque educada n'este meio de luxo, que

traz sempre comsigo a decadencia moral do homem, não faltaria quem achasse humilde a nobilissima acção d'aquellas mães.

Não deveriamos, pelo contrario, acolhel-a respeitosamente, votando-lhe no intimo os mais vivos e justos applausos?

Diz-nos a consciencia que sim.

Mas... talvez nos estejam accusando de que já vae longa e enfadonha a nossa questão sob o ponto de vista em que a temos tratado...? Vamos immediatamente entrar a examinal-a pelo lado hygienico que já é de altissima importancia para o nosso humillimo criterio; se mais alguma cousa houver a dizer áquelle respeito, que o faça pessoa de maior competencia e mais subida auctoridade.

E perdoe-se-nos a nossa audacia; mas é que, como todos os pequenos que suspeitando de que lhes usurpam os direitos, procuram exercel-os a rigor, quizemos nós tambem, apesar da nossa obscuridade, expressar o que sentimos relativamente a um assumpto que tantos moralistas tem occupado.

Hygiene na amamentação pela mãe

Suppunham os adversarios d'aquellas theorias, poderosos argumentos para depôr em contrario:

Que a mulher, sobretudo a que gosasse apenas de uma saude mediocre, perigaria em consequencia da grande despezas organica a que a obrigava a creação do filho. Ora a este respeito merece-nos um bocadinho mais de confiança o que nos mostra a pratica do que as theorias aliás racionalissimas d'aquelles auctores. Parecem-nos com effeito suspeitas, porque temos sido testemunha de muitos casos em que se tem observado o contrario; senhoras fracas e delicadas crearam filhos robustos e, longe de soffrerem, sentiram-se melhor da sua saude. Outras que se queixavam de nevralgias uterinas ou ovaricas confessaram-nos que depois da amamentação, diminuíram muito os seus incommodos ou mesmo quasi desapareceram.

Além d'isso, essas mulheres em geral

restabelecem-se mais promptamente do trabalho do parto do que as que por qualquer circumstancia se subtrahe áquella funcção. Estas estão ameaçadas sempre de complicações e algumas vezes mesmo de doenças graves. A explicação d'isto é facil. A secreção lactea na mulher, depois do parto, é uma especie de emuntorio que a natureza, sempre providente, lhe destinou. Durante a gestação o feto attrahia a si a quantidade de sangue de que precisava para prover ás necessidades do seu desenvolvimento. Com o seu nascimento a corrente tem de tomar nova direcção, e sendo ella até certo ponto de natureza excrementicia convirá dar-lhe sahida para fóra da economia.

Essa necessidade traduzem-na os seios algumas horas depois do parto pela sua turgescencia e erecção dos mamillos.

O affluir do leite para aquellas glandulas constitue em si um derivativo para os órgãos pelvicos que começam a entrar novamente nas suas condições physiologicas. Não prevenindo, pelo contrario, o repouso d'esses órgãos já tão fatigados, podemos

ver sobrevir essa serie de doenças uterinas que mais tarde compromettem e arruinam a saude da mulher.

Aran, no seu tratado da *Metrite*, diz que das affecções uterinas que elle tem observado, 70 por cento eram em mulheres que não tinham aleitado seus filhos.

Parece-nos, pois, que alguma razão temos nós tambem agora em suppôr que a frequencia da metrite chronica entre as mulheres da alta sociedade se deve attribuir ao habito de não aleitarem.

Retardando tambem a gravidez por alguns mezes colloca a mulher ao abrigo d'essas concepções multiplicadas que não dão tempo ao utero de repousar, expondo-o assim mais facilmente a accidentes e perigos.

Mas a par d'isto ha uma outra circumstancia que á verdadeira mãe deve impressionar ainda mais. É esse excesso de affecto que a creança creou á ama. Quantas vezes não esconde ella o pequenino rosto nos seus seios ao sentir approximar-se a mãe em quem não vê mais do que uma extranha! E poderá ella assistir assim á

indifferença do filho sem que sinta confranger-se-lhe dolorosamente o coração?

Não por certo; n'essas occasiões experimentar-se-á então, pela primeira vez na sua vida, a mais dolorosa e legitima emulação.

Ha ainda a questão grave da moral que até certo ponto a ama legou á creança. Está hoje averiguado que esse ser tão impressionavel se deixa influenciar muito pela cohabitação que tem com aquella.

Já os antigos, procurando demonstrar a verdade do facto, nos contam varios casos a esse proposito:

Assim dizem que o gosto de Claudio Tiberio Nero pela embriaguez era devido ao costume de sua ama se embriagar. Caligula, com os seus instinctos sanguinarios, tinha sido amamentado por uma mulher que apresentava a singular extravagancia de humedecer os mamillos com sangue antes de lh'os metter na bocca, etc., etc.

Parece, em conclusão, que tudo isto justifica sufficientemente a nossa defesa a favor da amamentação pela mãe, sem com-

tudo deixarmos de admittir contra-indicações formaes.

Ha, com effeito, casos em que as mães não podem e não devem aleitar seus filhos, porque succede tornar-se essa amamentação prejudicial a uns e outros.

Vejamos:

Para que a mulher possa crear a creança é necessario que o seu organismo se ache em condições de reparar esse consumo incessante de principios nutritivos, a que, como já disse, a submette a amamentação do filho. Do contrario, esse organismo ir-se-hia arruinando gradualmente. A sua hygiene convirá ser a mais bem regulada. Por isso prejudicam-se ás vezes horripelmente essas desgraçadas que, alimentando com o proprio sangue o filho que acabou de nascer, procuram com trabalhos pesados o pão para os outros irmãos.

Essas outras então de mais alta chamada social, habituadas ao goso das distrações em que foram educadas, passios, bailes, assembleias, etc., devem igualmente renunciar ao doce prazer da

Compunção
 a diurna -
 deo em v
 a
 'p
 Sobretudo
 de refu
 Creche -
 Dolfus
 em Am
 mas the
 Lille -

de a republica 1793 - b. Toda a mulher que de b...
 mento a creança que tem no ventre e que precisa
 de um... ter direito de...
 Cosmopolitanos cheios de filhos -

maternidade porque esses generos de vida não são compativeis com um aleitamento regular. *da*

+ Apresenta-se ainda a lactação materna como totalmente contra-indicada quando se trata de certas affecções geraes, taes como a diabete, o escrophulismo, o rachitismo, o mal de Bright, o rheumatismo, muitas doenças da pelle, a epilepsia, talvez o cancro, mas principalmente a tuberculose e a syphilis; dizem os auctores: porque a mãe póde transmittir ao filho pelo leite o principio morbido de que se acha possuidora.

Permittam-nos umas leves considerações sobre este ponto:

A possibilidade de transmissão pelo leite de qualquer principio morbido, ainda não está bem averiguada. Além d'isso não virá já o filho contaminado depois de ter andado nove mezes no seio da mãe?

Parece-nos mais logico isso; admittir a transmissão durante a vida intra-uterina.

A mãe durante todo o tempo da gravidez alimenta inconscientemente o producto da concepção, não com elementos

que elle possa voluntariamente escolher, preparar e administrar, mas com aquelles que o seu organismo hygido ou morbido prepara e ministra; concebe-se, pois, facilmente, que este os prepara bons e sadios, se as funcções organicas se executam com harmonia physiologica, se a assimilação é conveniente e apropriada e que elle os prepara deficientes, pobres e morbigenos, se essas funcções vitaes se executam irregularmente ou no sangue circulam principios infecciosos, virulentos ou outros que podem tornar o organismo doente.

N'este caso, quando a mãe é doente e o filho vem fraco e doente tambem, dizem alguns auctores que convem ainda a amamentação materna. Porque se a creança se acha já realmente infeccionada com o principio morbido que trouxe do seio da mãe, não tem agora o direito de o ir levar á ama.

Nós fazemos aqui as nossas restricções.

Das affecções hereditarias a que se transmite mais frequentemente é a syphilis e debate-se de ha muito a questão d'essa

transmissibilidade pelo leite. Os que primeiro se occuparam d'ella admittiam o contagio por essa via chegando mesmo a publicar em 1505 e 1673 alguns factos de syphilis infantil contrahida «lacter et papillis infectis». Depois esta crença propagou-se quasi universalmente, até que no seculo xviii um adversario d'aquellas theorias, Nisbet, veio affirmar que o leite era isempto de toda a virulencia. Esta opinião encontrou ecco na Italia, onde Fritze creò não só na inocuidade do leite mas tambem de todas as secreções. Levanta-se então a questão, apresentando-se muitos factos tendentes, uns a convencer da possibilidade do contagio, outros a negal-a.

Entre nós podemos citar o sr. Manoel Bento de Sousa, professor na escola de Lisboa que se incluiu na classe d'estes ultimos. Como quer que seja não nos podendo declarar com toda a afouteza por qualquer d'aquellas theorias, permitta-se-nos dizer o que julgamos conveniente n'aquellas condições:

Succede algumas vezes, se bem que muito raras, creanças descendentes de

paes syphiliticos virem isentas da affecção; n'estes casos devemos separar a creança da mãe e entregal-a a uma boa ama, porque precisa agora da mais rigorosa hygiene.

A maior parte das vezes, porém, succede que a creança vem já syphilisada, podendo até dar-se o caso de nascer syphilisada sem que a mãe tenha contrahido a doença. Então evita-se que ella a aleite, mas seria duro entregal-a a uma ama, porque incorreríamos no terrivel remorso de lhe passar o contagio.

É n'estes casos que teríamos a seguir a amamentação artificial pela bomba ou pelo aleitamento de qualquer animal. Se a mãe está já inficcionada e a creança nasce tambem com manifestações syphiliticas, aconselhamol-a a praticar a lactação sempre que a sua força o permitta, porque então o tratamento que se vae instituir á mãe aproveitará tambem ao filho.

Emquanto á tuberculose essa é tambem uma doença a maior parte das vezes de origem hereditaria; na maioria dos ca-

sos a infecção dá-se no ventre materno; mas póde succeder que ella se dê por via do pae, sem que a mãe apresente o menor symptoma da doença.

N'este caso, se ella é sadia e possui uma constituição robusta, deve amamentar o filho emquanto a saude lh'o permittir. Porém o facto da cohabitação com o marido póde trazer em consequencia, por espaço de tempo, ella contrahir a doença. Se isto se der durante a amamentação, a creança deverá immediatamente ser entregue a uma boa ama.

Muitas doenças de pelle como o eczema, por exemplo, transmitem-se tambem por hereditariedade. A mãe, pelo menos, emquanto apresentar manifestações de doença não deve amamentar o filho. E a mesma prohibição deve ser feita á mulher muito anemica ou sujeita a perturbações digestivas.

Ha, finalmente, diversas condições de ordem physica que inibem a mulher de aleitar. Referem-se ellas, principalmente, ás deformações ou doenças do mamillo. Ha mulheres que teem o mamillo muito

pequeno ou que é impossivel tornar saliente. Tivemos muitas vezes occasião de observar no Hospital de Santo Antonio as creanças a debaterem-se com fome, empregando debalde os seus esforços sem o leite correr.

Tambem é muito frequente o mamillo normal doente, apresentando erosões e gretas que são rapidamente seguidas de lymphangite ou mesmo abcessos. Outras vezes são engorgitamentos dos seios que se apresentam duros, inflammados e dolorosos, vendo-se a mãe forçada a separar de si a creança, em consequencia das dores horriveis que lhe causa o acto da sucção.

A falta de saliencia do mamillo observa-se a maior parte das vezes nas primiparas. Parece depender d'uma disposição natural, ou ser determinada pela compressão exercida pelo vestuario. Póde, porém, algumas vezes isso remediar-se, sobretudo se a mulher se previne, durante os primeiros mezes da gravidez, d'esse estado particular do seio collocando-lhe um pequeno circulo de caoutchouc com uma certa con-

*Uterus
de leite*

cavidade, que se amolda á fôrma do seio e apresentando ao centro uma saliencia com a fôrma d'um dedal, onde vae alojarse o mamillo. Esta tem no fundo um pequeno orificio para deixar escapar o colostro se elle correr.

D'esta fôrma a pressão que agora se exerce sobre os seios não terá inconveniente algum, pelo contrario, fará sahir o mamillo que vae gradualmente introduzindo-se na saliencia do aparelho.

A grande distensão das glandulas que tambem pôde ser causa de difficuldade á sucção, é quasi sempre devida á demora que se tem tido em dar de mamar á creança, e tem sobretudo logar na época da febre do leite. Isto evita-se apresentando a creança ao seio da mãe logo que esta repouse das fadigas do parto, o que pôde levar mais ou menos tempo, segundo elle foi mais ou menos laborioso. Convem, pois, como se vê, dar de mamar á creança duas, quatro ou seis horas depois do parto. As gretas e erosões vêm-se nas primiparas nos casos de deformação dos mamillos e nas mulheres de pelle muito fina occasio-

nados então pelo mau estado da bocca da creança, má qualidade do leite e demora da creança ao seio ou sucções muito continuadas.

A mulher deve, então, depois que a creança deixa de mamar, lavar o mamillo com agua morna para lhe tirar a gordura e o leite que n'elle ficam, e que podem, fermentando, inflammal-o; em seguida aconselhariamos a cobril-o com uma gaze anti-septica, afim de o resguardar o melhor possivel.

Manifestados, porém, aquelles accidentes, lava-se, como já disse, o mamillo, cobre-se com a gaze molhada n'uma solução horicada de tres partes para cem, assentando depois sobre ella um pedaço de algodão e ligando o seio. Isto, todas as vezes em que haja de se amamentar a creança.

Emquanto ao tempo que se deve demorar a creança ao peito; e que póde tambem, como dissemos, ser uma causa d'aquelles accidentes, parece que isso deverá ser regulado pela sua idade e estado de saude. A principio, como ella exerce a sucção com

grandes intervallos parecendo dormir, póde estar meia hora e mais ao seio.

A quantidade das refeições que lhe devemos dar, durante vinte e quatro horas, é variavel.

Dugès dizia que se não podia fixar o seu numero; que elle devia necessariamente variar segundo a força da creança e da mãe e a abundancia e qualidade do leite. Entretanto, póde dizer-se com alguma aproximação que o espaço de duas horas entre cada uma das refeições nos primeiros tempos e o de tres horas com mais alguma idade, é em geral sufficiente, podendo em ambos os casos serem um pouco mais distanciadas durante a noite.

É tambem uma má pratica essa de apresentar só um seio á creança, reservando o outro para a refeição seguinte. É raro em primeiro lugar que a creança ali encontre alimento sufficiente a menos que não esteja continuamente a sugal-o, além de que os seios não se prestam tambem a essa alternativa, porque o leite de ordinario enche-os simultaneamente a ambos.

Por ultimo, para que a mãe possa ali-

mentar convenientemente o filho, é necessario que tenha sufficiente quantidade de leite, o que nem sempre succede. Se, portanto, depois da sucção que Bonchut aconselha como o meio mais seguro para provocar a secreção do leite, esta se não fizer, constituirá isso mais uma razão legitima para que a mãe não aleite.

Use atten
do bibe
do cer

Escolha da ama

Quando, por qualquer d'aquelles motivos ou elles dependam simplesmente da vontade ou das causas que acima apontamos, a mãe não amamenta a creança, deve proceder-se á escolha d'uma ama.

Comprou
pelle

Para estes casos conviria sempre consultar-se o medico, porque só elle poderá fazer uma observação rigorosa.

No exame da mulher que se propõe para ama, devemos ter em vista tres circumstancias essenciaes: 1.º os orgãos de lactação; 2.º o producto da secreção; 3.º o estado geral organico. Sobretudo estas duas ultimas são da mais alta importancia.

Lu com
e crean

178/1000 - de o-lano -

90,80 - Lactose protectum -

Memoria

Nos órgãos da lactação ha a considerar, o seu volume, a sua fôrma e o desenvolvimento do mamillo.

Comquanto o volume dos seios não indique sempre o seu poder de secreção, por isso que póde elle em grande parte ser devido á camada adiposa que cobre a glandula, em geral um volume regular seria o mais conveniente.

A sua fôrma não traduz tambem a importancia que se lhe tem attribuido. Uns que são conicos, á semelhança dos da cabra, fornecem por vezes muito leite, outros chatos e estendidos sobre o peito accumulam geralmente pouco.

Parece-nos que de todos devemos preferir os hemisphericos.

Os mamillos, esses devem ser salientes para poderem ser apanhados facilmente pela bocca da creança.

Quanto ao producto da secreção, trata-se de saber se o leite da ama é de boa qualidade, isto é, se offerece elementos nutritivos em proporção conveniente e tambem se é sufficientemente abundante. Isto póde ser-nos indicado pela analyse do leite e

pela pesagem da creança, como já vamos mostrar.

Servindo-se dos seus conhecimentos de chimica, póde o medico, com processos apropriados, apreciar com algum rigor as proporções dos diversos elementos constitutivos do leite, decidindo assim da riqueza ou pobreza d'esse alimento.

Alguns, porém, limitam-se ás vezes a proval-o, ou a deitar umas gottas no fundo de uma colher, examinando depois o residuo que elle deixa. Este processo, como se vê, é imperfeito e portanto os dados que elle póde fornecer sobre a riqueza ou pobreza do leite em materiaes solidos são muito pouco rigorosos. É, por assim dizer, uma especie de artificio que o facultativo ás vezes é obrigado a usar, quando outros processos mais serios n'essa occasião não estejam ao seu alcance.

Comtudo um bom pratico poderá distinguir no leite algumas qualidades que não são sem importancia, como a fluidez, a còr, a transparencia, o cheiro e o gosto.

E o reconhecimento d'estas qualidades será sufficiente, na maioria dos casos, por-

*Lei Roussel - 11. Para a creança de menos de 2
Coloca-se em uso de uma - bacia de porcel
facto objecto d'um expediente especial de presc
de cada dia - para proteger a sua vida e sa*

que os processos chimicos não são praticaveis em muitas circumstancias, em virtude do trabalho difficil e demorado que exigem; podendo além d'isso o leite encerrar principios que, semelhantes ao virus, escapem a todas as investigações.

Mas na impossibilidade d'uma rigorosa analyse chimica, devemos recorrer a meios mais simples e mais expeditos que é o que importa praticamente.

Temos para isso o lactometro e o lactoscopio que são instrumentos muito singelos e portateis. O primeiro consiste em uma pipeta dividida em cem partes. Depois de a ter enchido de leite deixa-se repousar vinte e quatro horas. Ao cabo d'este tempo o liquido separa-se em duas camadas; a superior devida á reunião dos globulos leitosos constitue o creme; a sua quantidade é que indica a riqueza do leite, pelo menos em materias gordas. Nota-se então a altura occupada por elle no aparelho. Donné diz-nos que o leite de boa natureza apresenta tres por cem partes de creme.

Com o lactoscopio constata-se por trans-

parencia qual o grau de opacidade do leite e por consequencia tambem approximadamente a quantidade dos globulos leitosos.

Isto para apreciar um dos elementos do leite—a manteiga. Para apreciar agora, por exemplo, a quantidade de caseina, propôz-se ultimamente precipital-a por meio d'um acido n'um tubo graduado e notar o volume do precipitado para um dado volume de leite.

O microscopio, finalmente, esclarece-nos sobre o numero e fórma dos globulos do leite e portanto sobre a idade d'este. Diz-nos tambem se ha mistura d'elle com sangue ou pús, o que é de grande necessidade conhecer.

Vê-se uma grande porção de corpusculos brilhantes e redondos suspensos n'um liquido claro. Uns maiores apresentam um diametro de $\frac{3}{300}$ e outros mais pequenos variam entre $\frac{2}{300}$ a $\frac{1}{300}$. D'onde resulta que o calculo da porção de manteiga feito sobre o numero de globulos não podia ser exacto, visto não ser igual o seu volume.

Uma grande porção de globulos, sendo

estes bem conformados e de um volume regular, indica geralmente que o leite é bom. Sendo, pelo contrario, em pequeno numero e de pequenas proporções o leite póde não ter já essa propriedade.

Uns admittem n'esses globulos a existencia de uma membrana albuminoida, que é a que contém a manteiga. Outros negam a presença de tal membrana. Como quer que seja, o que parece fóra de duvida é que aquelles globulos, apesar das suas dimensões differentes, são todos da mesma natureza, embora não sejam d'esta opinião alguns auctores.

Se o leite é puro, não contém mais do que aquelles globulos nadando no liquido. Encontrando-se, pelo contrario, outras particulas differentes, devemos suspeitar da pureza d'esse leite.

Quando elle contém poucos globulos é pouco nutritivo. Apresenta-se aquoso, deixando pelo repouso uma camada muito leve de nata á superficie.

Note-se, porém, que tão prejudicial póde ser á creança robusta um leite n'aquellas condições como um muito rico que se des-

tina a uma creança debil e com poucas forças digestivas.

Geralmente prefere-se, sem se attender a mais cousa alguma, a mulher do campo forte e vigorosa e que apresenta a maior riqueza e abundancia de liquido. Mas se a creança é de uma constituição fraca, não poderá digerir esse excesso de alimento, resultando, por vezes, affecções como diarrheia, etc., que n'aquellas idades podem ser de muita gravidade.

Cremos que o meio mais seguro de verificar se uma ama convém a uma dada creança, está em observar esta durante varios dias depois de a entregar á ama; se a creança socega depois de ter mamado, não manifesta uma grande avidéz para d'ahi a instantes pegar novamente a sugar, e principalmente se a sua saude se conserva boa, póde em geral concluir-se que aquella ama serve para a creança.

Importa sobretudo tambem para verificar que a alimentação se faz d'uma maneira satisfactoria pesar a creança regularmente a vêr se o crescimento d'ella se executa d'uma maneira normal.

*Para a
verificação*

Isso devia effectuar-se immediatamente ao nascimento, depois da creança lavada e enxuta, e da seguinte fórma: repetir a pesagem todos os tres ou quatro primeiros dias á mesma hora durante as primeiras semanas, depois todos os oito dias até seis mezes e todos os quinze dias até um anno. Para estes exames deve-se deixar passar bastante tempo depois da ultima refeição e inscreverem-se os resultados das differentes pesagens, porque importa principalmente conhecer a serie dos pesos successivos que representa o crescimento real da creança.

Um augmento de vinte a trinta grammas por dia durante os primeiros mezes pôde ser considerado como normal, e toda a creança que não ganhar pelo menos vinte grammas por dia, deve considerar-se como doente ou mal alimentada.

Uma outra questão se apresenta quando se faz a escolha da ama — é a idade que deve ter o leite.

Se fôsse possível ter sempre á nossa disposição uma que terminasse o seu parto, quando nascia a creança, é claro, que as

condições agora para esta seriam o mais possível semelhantes áquellas em que se encontraria com o aleitamento materno, e isso era convenientissimo; porque nós sabemos que o leite não tem sempre a mesma composição durante o tempo em que é segregado, mas as suas qualidades vão, por assim dizer, adquando-se ás necessidades do recém-nascido. Uma ama, por exemplo, que tenha já cinco ou seis mezes de leite, não poderá apresentar n'elle as propriedades que lhe conviriam para facilitar a sahida do meconio, como succederia no principio, e póde, pelo contrario, apresental-o já muito nutritivo para provocar nas creanças aquellas perturbações de que acima fallamos. Além d'isso, suppondo que o aleitamento deve durar dezoito mezes ou dous annos, é natural que o leite da ama tendo já aquelle tempo na occasião em que ella vem amamentar a creança, não possa conservar-se até ao fim nem tão abundante, nem dotado de todas as suas qualidades nutritivas.

Mas quando se dêem estes casos é necessario pelo menos, provocar primeira-

mente a expulsão do meconio á creança antes de a apresentar ao seio da ama, podendo fazer-se isso com uma colher pequena de xarope de chicorea ou rhuibarbo, por exemplo.

Algumas pessoas, não sabemos em que razões fundamentadas, dão a preferencia a amas muito novas. Nós não concordariamos n'isso, porque essas não teem sempre a saude bastante robusta, e além d'isso não teem tanto leite como outras de mais idade.

Fariamos, pelo contrario, a nossa escolha em mulheres n'estas ultimas condições e que tivessem já aleitado, porque assim conheceriam até melhor os cuidados que se devem á creança.

A ama deve contar geralmente de vinte a trinta e quatro annos.

Ligam tambem alguns muita importancia á cor dos cabellos, e ao estado e belleza dos dentes. Não nos parece que isso tenha grande razão de ser. Temos visto mulheres com dentes maus e que são excellentes amas, assim como temos encontrado outras com formosissimas dentadu-

ras e que não servem para amamentar. Merece-nos mais confiança a côr vermelha das gengivas e a sua firmeza, porque podemos até um certo ponto apreciar por estas qualidades a força e o estado do sangue.

Emquanto á questão do cabello é facto que aquellas que o teem claro ou ruivo, apresentam geralmente um leite muito sorooso, capaz de provocar com facilidade a diarrheia nas creanças.

Devemos regeitar completamente mulheres de apparencia rachitica ou escrophulosa. Apesar de, como já disse, não estar completamente demonstrada a transmissão d'estas doenças pelo aleitamento, em todo o caso sempre é conveniente não viver n'esse terrivel receio.

Parece-nos desnecessario recommendar que ás qualidades physicas a ama deve reunir bons habitos moraes.

Ainda com relação ás doenças de que ella se pôde achar infeccionada, tenhamos em maxima consideração a syphilis que com mais facilidade do que qualquer outra se pôde occultar aos nossos olhos. Tente-

mos mesmo a mais minuciosa inspecção desculpando-nos perante a mulher com a decencia das nossas intenções e procedamos escrupulosamente ao exame do anus, órgãos genitales, interior da bocca e pescoço, partes onde mais geralmente se acoberta a doença.

Succede algumas vezes, emquanto a mulher aleita, apparecer-lhe a menstruação. Isso póde tanto ser devido a uma pujança de sangue e saude, como a um estado anemico. Por isso, n'este ultimo caso, é perfeitamente sensato retirar-lhe a creança tanto para seu proprio interesse como para o d'aquella. Mas se a mulher continua a gosar saude, sendo o leite bom e em abundancia, não ha inconveniente algum em que continue a creação.

É tambem o apparecimento dos menstruos algumas vezes indicio de que a secreção lactea vae ser em breve supprimida ou pelo menos diminuida.

Verifiquemos tambem que a ama não venha grávida ou não grávide durante a aleitação, porque se attribuem inconvenientes ao leite n'estas condições. Geral-

mente diminue a sua quantidade, trazendo em consequencia o depauperamento da creança.

Mas o que nos deve merecer o maximo cuidado é o estado de saude da mulher durante a creação. Na maior parte das doencas agudas o aleitamento deve ser suspenso, porque pôde ser prejudicial á creança.

Vem a proposito lembrar n'este pouto os abcessos do seio que podem occultar-se profundamente na sua espessura. É então que o microscopio nos fornece um poderossissimo auxilio indicando-nos que no leite existe pús. Os globulos d'este apresentam, com effeito, comparados com os globulos do leite, caracteres differenciaes. Em vez de uniformes como estes, de contornos obscuros e perfeitamente unidos, são ao contrario granulosos e transparentes nos bordos. São além d'isso insoluveis no ether, propriedade esta que não apresentam os outros.

Dubois affirma que pôde ver-se sobrevir graves accidentes nas creanças aleitadas com o alimento assim adulterado.

Attenda-se tambem muito á limpeza do

corpo da ama, obrigando-a a banhar-se amiudadas vezes.

O seu regimen alimentar é necessario que diffira o menos possivel do que ella mantinha em sua casa. De ordinario, mulheres que poucas vezes comiam carne, provendo quasi sempre á reparação do seu organismo só com vegetaes, deverão ir-se habituando pouco a pouco a outra alimentação, quer seja mais nutritiva, quer seja mais abundante. Deve evitar-se tanto quanto possivel uma alteração muito brusca no seu genero de vida ordinario.

É uso frequente mandar aleitar ás creanças para casa das amas. Não hesitamos em declarar desde já que achamos pessima essa pratica.

Preferiríamos em ultimo caso submettel-as antes ao aleitamento artificial cujas desvantagens tambem não são em pequeno numero.

Quantas vezes succede que a ama longe de desmamar ou mandar aleitar seu filho,

começa de amamentar os dous, reservando, é claro, o melhor quinhão para aquelle e auxiliando o sustento do outro com uma alimentação accessoria, que antes da época conveniente traz sempre risco para a creança, sobretudo nos primeiros tempos? Além d'isso todos sabem que as casas das amas raro reúnem as condições hygienicas que seriam para desejar.

Quando a mãe não amamentar e se acha na impossibilidade de procurar uma ama para seu filho, recorre ainda algumas vezes ao leite de animaes. Está isso em voga, sobretudo em algumas partes da Suissa e da Allemanha, preferindo-se de ordinario a cabra, por causa da fórma das tetas, da docilidade do animal e da facilidade com que elle se habitua á creança.

Temos, finalmente, o aleitamento artificial a que já alludi e que é praticado com o biberon, a bomba, o copo e a colher.

É este um processo essencialmente vicioso e a não ser que circumstancias imperiosas e excepcionaes o obriguem a admittir, condemnamol-o absolutamente. Citam-se casos em que elle tem dado bom resultado

e a pessoa que escreve estas linhas foi testemunha de alguns; no entanto cumprenos confessar que as creanças alimentadas d'este modo gosam de menos saude e succumbem em maior numero.

Em primeiro logar o leite de que se vae fazer uso não é de mulher, mas d'um animal qualquer, por consequencia não tendo a mesma composição; e, não obstante algumas modificações que se lhe faça soffrer, é difficil e talvez impossivel estabelecer uma relação exacta entre a força digestiva da creança e a substancia alimentar; depois está tambem mais ou menos tempo exposto ao ar. Quando se não faz uso do biberon, mas se emprega o copo ou a colher, a salivação insufficiente torna este meio ainda mais defeituoso.

Entretanto, como pratica temporaria e accessoria para auxiliar, por exemplo, um desmame precoce, é menos prejudicial, podendo mesmo algumas vezes apresentar até suas vantagens. Aconselha-o Donné ás mães d'uma saude delicada durante as horas de repouso, porque a obrigação de despertar muitas vezes de noite para dar

o seio á creança podia fatigal-a muito. Poderá ainda usar-se d'elle durante a menstruação, quando se tiver notado que ella acarreta perturbações graves na secreção lactea da mulher.

Nos primeiros mezes é conveniente ministrarl-o com agua de cevada, por exemplo, assucaral-o levemente, para que tenha menos consistencia. O leite de que se faz uso ordinariamente é de vacca.

Deve ser dado morno á creança e não ser preparado senão na occasião em que ella o vae tomar, porque do contrario a mistura que elle soffreu e a temperatura que uma primeira vez se lhe communicou e se lhe communica segunda, podem fazer fermentar o liquido. O apparelho deve ser conservado sempre sob a maior limpeza e antisepsia.

Estas condições, sempre difficeis de se satisfazerem, concorrem notavelmente para a condemnação do processo.

O que dissemos acima com relação ao numero das refeições a dar á creança póde entender-se com a quantidade de leite tomada de cada vez; algumas amas não lhe

apresentam senão um seio, reservando o outro para a refeição seguinte. Ora aquellas glandulas não se prestam a esta alternativa; o leite enche-os ordinariamente ao mesmo tempo e é melhor que a creança os vase ambos na mesma refeição, tirando-lhes o alimento de que carece.

Só no quarto mez convirá juntar ao leite materno algumas outras substancias alimentares; entretanto, isto é muito variavel e talvez só a fadiga que experimenta a mãe e as necessidades que a creança parece sentir nos guiarão sobre esse ponto.

É importante, sobretudo, ter em conta a rapidez e a facilidade maior ou menor com que se opera a evolução dos dentes. Em geral, quando a creança tem oito a dez dentes, tira-se-lhe definitivamente o seio. Isso coincide com a idade de doze a dezeses mezes. Se elles se demorarem em apparecer ou se a sua evolução se faz acompanhar de vivas dôres, mal-estar e mesmo algumas affecções que por vezes se apresentam no segundo anno da vida, ha vantagem sempre em dar á creança o seio a

par d'outros alimentos, pelo menos duas ou tres vezes por dia.

Emquanto á natureza dos outros alimentos que devem ser proporcionados simultaneamente, damos a preferencia ás substancias feculentas, associadas com o leite, de fórma a constituirem uma massa mais ou menos consistente, que se deve fazer coser sufficientemente, e que, de resto, póde variar-se, segundo o gosto e o estado da creança.

A principio a quantidade d'essas massas será pela manhã de cinco a seis colheres de chá. Depois póde dar-se duas vezes por dia. Aos sete ou oito mezes já se lhe póde dar uma sopa de gallinha, por exemplo; um pouco mais tarde uma gemma de ovo, mas tendo o cuidado de não deixar ir a outra parte branca; finalmente, vae-se-lhe dando um bocadinho de gallinha ou pão para que a creança sugue, mas que seria conveniente não deixar engulir: A agua com vinho, levemente assucarada, deverá ser guardada para depois dos oito ou nove mezes, vigiando-se com grande cuidado o seu uso.

À medida que a creança se habitua aos alimentos, vae procurando já com menos avidéz o seio, se bem que conserve sempre uma predilecção accentuada por elle. A mãe póde, pois, sem inconveniente apresentar-lh'o muito menos vezes.

Aos sete ou oito mezes não lhe dará de mamar senão quatro ou cinco vezes por dia, depois mais tarde duas ou tres vezes cessando completamente de amamentar durante a noite.

Esta diminuição progressiva habitua pouco a pouco a creança a esquecer o seio da mãe, desenvolve-se-lhe o appetite pelos alimentos extranhos e por outro lado diminue a abundancia da secreção lactea de fórma a tornar o desmame muito mais facil para a creança e menos penoso para a mãe.

Muito se tem comparado a limpeza

Cuidados da limpeza na creança

La propreté est au corps
ce que la decence est à
l'âme.

A limpeza do corpo é uma das condições mais essenciaes para a conservação da saude.

Ha muitas affecções e mesmo doenças graves que se poderiam evitar com uma rigorosa observação d'este preceito.

Moysés já dictava ás suas tribus medidas de limpeza com o fim de obstar a essa multiplicação de doenças cutaneas tão frequentes nos paizes quentes, mandando infligir castigos áquelles que as não respeitavam.

Os gregos e os romanos, consideravam

a agua o agente, depois do ar, mais importante para a vida e saude do individuo.

Havia mesmo no reinado dos imperadores magnificos edificios publicos destinados a banhos que eram concedidos ao povo, apparecendo ainda hoje ruinas d'essas importantes construções não só na Italia mas em todo o Oriente.

O banho data, pois, da mais remota antiguidade. Teve a sua causa nas necessidades que principiaram com a vida do homem.

As suas vantagens são hoje universalmente reconhecidas; e nas creanças sobretudo crescem ellas de importancia a ponto de se julgar ahi o banho quasi tão importante como a propria alimentação. Apparece, porém, como succede sempre, quem vá contra estas theorias.

Diz-se que o banho é uma necessidade artificial de que se não póde dispensar o corpo logo que a elle se acostumou, mas cujo habito podia perfeitamente ter-se evitado.

A nós não nos parece isso e pelo contrario pensamos convencidamente que o

banho é uma necessidade natural que o corpo precisa satisfazer.

Permitta-se-nos invocar para prova das nossas affirmações o instincto dos irracionaes que os leva a banharem-se ao meio das selvas e dos desertos. Será arte ou natureza o que lhes cria ou faz sentir essa necessidade?

E o que se observa é que os animaes menos pelludos, cuja epiderme se assemelha mais á nossa, são exactamente os que mais sentem a precisão do banho e que mais o buscam.

Temos, por exemplo, o elephante, cuja pelle nua é tão propensa á terrível molestia que entre os homens obteve o nome d'aquelle animal, que chega a fazer grandes caminhos no deserto para procurar esse remedio ou preventivo.

Como se vê, pois, não é apenas uma questão de asseio, justificam-se facil e comprehensivamente as suas vantagens.

Com effeito: ninguem desconhece as importantissimas funções do tegumento externo. Desembaraçando-o das impurezas que o cobrem, resultantes dos diversos pro-

ductos excrementicios, contribue-se para entreter a integridade d'aquellas funcções tão necessarias a um bom equilibrio physiologico.

E nas creanças ainda mais essa permeabilidade da pelle se torna necessaria para a manutenção do seu bem estar e desenvolvimento do seu corpo.

O banho nas creanças deve geralmente ser morno e de curta duração, e convem além d'isso que seja dado todos os dias. Em certas partes do corpo, como axillas, pescoço, curvas das pernas, virilhas e contornos dos orificios naturaes accumulase grande quantidade de enducto sebaceo, podendo aquelles ultimos tambem com a presença da urina ou corpos extranhos produzir irritações que por vezes se tornam incommodos grandes para a creança. Por isso recommendamos, sempre que se tenha de laval-a, o maximo cuidado em limpar bem aquelles locaes.

Feito isto, enxuga-se rapidamente com um panno, friccioneo-lhe um pouco a pelle, afim de lhe provocar mais facilmente a reacção.

Em caso excepcional, quando o banho tenha sido dado em agua fria, deverá ser mais demorada essa fricção.

Quando appareça qualquer ponto irritado, o que succede frequentemente e com especialidade nos sulcos que separam a orelha do temporal, nas axillas e virilhas, devemos polvilhal-os com amido, pó de arroz ou lycopodio e se houver já exfoliação applicar-lhe-hemos um corpo gordo como oleo de amendoas, glycerina ou vaselina.

N'essa lavagem devemos ter em maxima consideração a limpeza cuidadosa da cabeça da creança.

Não é raro encontrarem-se creanças com essa parte do corpo n'um estado tal de porcaria que até nos repugna beijal-as, e isso em resultado das exageradas precauções tomadas durante o banho em não tocar n'esses pontos ainda não ossificados, a que o vulgo chama moleirinhas e que julga a parte mais vulneravel das creanças.

Nós affirmamos que toda a creança póde ser lavada perfeitamente sem se lhe molestar parte alguma do corpo.

E convem essencialmente que assim se faça.

A cabeça da creança precisa de ser bem lavada para obstar a que se produza essa crosta espessa que vae oppôr-se ás funcções da transpiração. E quando não baste isso para a levantar, caso ella venha a produzir-se, torna-se necessario friccional-a de tempos a tempos com um panno ou uma escova não muito aspera para restabelecer aquellas funcções cuja suppressão póde dar logar a doenças do couro cabeludo e mesmo ao apparecimento de certos parasitas que provocam a queda do cabello.

Este habito de lavar diariamente as creanças em geral perde-se á medida que estas crescem em idade e se sujam menos, limitando-se apenas ao rosto e ás mãos no fim da primeira infancia.

Esse costume, infelizmente muito vulgar, é perniciosissimo, e causa de muitas doenças de pelle.

O banho todos os dias pelo menos com uma esponja humida, conviria continuar-se, porque é uma pratica excellente que até ao adulto aproveita immenso.

Emquanto á temperatura d'esse banho, divergem as opiniões dos differentes auctores.

Fourcroy aconselha que doze horas depois de nascer a creança, seja ella toda passada com uma esponja embebida em agua fria, sem que se tenha em consideração nem mesmo a sua constituição; e se continue depois esta lavagem todos os dias.

J. J. Rousseau diz-nos que a creança deve sim ser lavada muito amiudadas vezes, mas que não é de opinião que se empregue a agua fria para todas ellas indistinctamente. Preferiria usar primeiro da agua morna e ir chegando depois gradualmente a uma temperatura mais baixa.

Qual das duas opiniões estará mais em harmonia com as nossas leis physiologicas? Convirá habituar as creanças gradualmente á agua fria e terá este systema todas as vantagens que se lhe tem attribuido?

A este respeito cumpre-nos primeiramente fazer notar que quando ha pouco fallamos em lavar a creança pelo processo

que indicava Fourcroy, não queríamos significar immergil-a como se fosse n'um banho, mas simplesmente uma lavagem rápida por todo o corpo com um panno ou uma esponja humida.

Ora tem-se visto que as lavagens d'esta fórma com agua fria, quando executadas rapidamente e seguidas d'uma leve fricção, não apresentam inconvenientes, se a creança é forte e bem constituida.

Nós vemos-lhe até algumas vantagens; cremos bem que é este um meio de as fortalecer e prevenir contra as influencias do meio exterior que mais tarde tanto pesam sobre ellas.

Mas é necessario fazer entrar esse habito suavemente no corpo da creança; e não empregar a agua completamente fria senão depois d'ella contar seis ou oito mezes de idade.

Se é fria a estação que se atravessa, a agua do banho deve estar á temperatura do quarto em que elle se dá.

Mas, repetimos de novo, estas prescrições deverão observar-se unicamente na creança forte e vigorosa; á que fosse de

constituição delicada podia isso ser-lhe prejudicial.

Portanto consulte-se o medico sempre que se tenha de dar começo a essa operação. É muito conveniente ouvir a sua opinião a este respeito.

Como regra geral e applicavel a todas as creanças indistinctamente podemos estabelecer os banhos mornos com uma temperatura de vinte e um graus approximadamente.

Toma-se uma esponja fina e passa-se por todo o corpo da creança, mettida em uma bacia propria para isso, e tendo-lhe a cabecinha levantada acima da agua.

Passados quinze minutos o maximo, devemos tiral-a d'ahi para a não fatigar e enfraquecer muito. Em geral dez minutos bastam, se a creança é fraca. Depois enxuga-se rapidamente friccioneando um pouco a pelle.

Durante o dia sujam ellas muitas vezes esses panninhos que servem de receptaculo ás suas excreções. Sempre que isso succeda não as conservemos n'elles por tempo algum nem tão pouco nos contente-

mos com enxugal-as ás pontas d'esses pannos, como costumam fazer frequentemente as amas; devemos laval-as com uma esponja pelo menos nas partes que se sujaram afim de evitar que se produzam aquellas irritações de que fallamos acima.

Em todas essas occasiões, e logo que as creanças são assim regularmente lavadas, a necessidade dos banhos não se faz sentir tanto. Bastariam então dois por semana.

Depois de limpas e enxutas é necessario preserval-as do frio vestindo-as promptamente.

No capitulo seguinte trataremos do modo porque esse vestuario deve ser feito.

Vestuario

Sendo nos primeiros tempos da vida muito fraca a resistencia que as creanças offerecem aos abaixamentos de temperatura, comprehende-se que seja da mais alta importancia preserval-as por meios apropriados da perda de calor tão prejudicial á sua saude.

E estes preceitos dizem respeito sobretudo aos primeiros mezes; é claro que mais tarde a creança principiando a desenvolver-se, os seus membros fortificam-se, podendo fazer mais ou meços exercicios, o que traz em resultado, como se sabe, a producção d'uma certa quantidade de calor na economia.

Não queremos com isto dizer que taes

precauções devam cessar por completo n'essa idade, não; mas não necessitam pelo menos de ser tão rigorosas, porque a sua resistencia agora já lhes dá uma tal ou qual protecção.

Prestados, pois, os primeiros cuidados ao recém-nascido, limpo e desembaraçado d'esse enducto particular que o cobre, procede-se ao seu vestuario.

Antigamente a maneira de o fazer era perfeitamente barbara. Receando-se que a liberdade de movimentos lhes deformasse os membros, estava em uso ligar-lhes fortemente todo o corpo por meio de faxas. Assim amarrada a creança tornava-se uma especie de fardo que as amas podiam abandonar em qualquer logar e entregarem-se depois confiadamente a outras occupações, scientes de que a creança se não deslocaria do logar onde a tinham abandonado.

Talvez fôsse essa a razão porque ellas por tanto tempo se oppozeram a deixar esse terrivel uso, onde a sua ignorancia não descobria o perigo.

Imagine-se quanto soffreriam esses innocentes que no ventre materno conserva-

ram sempre todos os membros em flexão, condemnados agora bruscamente a uma extensão forçada e constante e a uma immobilitade absoluta.

Este prejuizo tende felizmente a desaparecer, e hoje o modo porque se vestem as creanças é geralmente bom.

Essa faixa, completamente inutil, está quasi abandonada. Exercendo uma compressão sobre o peito e abdomen difficultava-lhes a respiração e a digestão, podendo ser origem das convulsões que tantas vezes se observam n'ellas.

As diversas peças do seu vestuario devem applicar-se brandamente, fixando-se por meio de fitas. Os alfinetes tem o inconveniente de poderem magoar a creança. As roupas que ficarem immediatamente em contacto com a pelle, em consequencia d'esta ser muito delicada e as suas impressões reagirem facilmente sobre o resto da economia, deverão ser de um tecido molle e macio. E quando por qualquer circumstancia esta prescripção não possa observar-se, ao menos que esses pannos tenham já soffrido algum uso.

O vestuario convem ser dividido em duas partes: uma superior permanente, fixa, e outra inferior que se possa renovar facilmente.

As vantagens d'este systema são manifestas; não é uma simples questão de gosto ou de moda que nos leva a aconselhá-lo, mas a nossa intenção visa a um ponto mais importante que é o da commodidade para a mãe e o da hygiene para o filho. A creança, em virtude das suas rapidas digestões e portanto frequentes excreções, está quasi constantemente a sujar-se e por aquella fórma, como se vê, nós podemos limpá-la facilmente. Além d'isso aquella disposição permitirá tambem mudar-lhe as roupas, por assim dizer, por fracções, nunca se achando a creança completamente nua, prevenindo assim os arrefecimentos, que já dissemos acima ser de altissima importancia evitar.

Esse vestuario deve ser leve. Dissemos que podia ter consequencias graves a impressão do frio, mas o excessivo calor artificial que seria produzido pela accumulacão de muita roupa é em si pernicioso tam-

bem. Ainda mais; habituando a creança a uma temperatura um pouco elevada, o menor descuido ou intemperie atmospherica traria comsigo necessariamente constipações frequentes, defluxos e affecções rheumaticas de toda a especie.

Mas comprehenda-se: esta regra assim, como todas as outras, soffre excepções. Quando uma creança nasce debil e enferma, não devemos abandonar essa infeliz creatura ao rigorismo d'estes principios geraes. Não; condemnamos absolutamente essas barbaras experiencias pelas quaes se fazem passar todos os innocentes sem distincção, favorecendo assim os que as podem sustentar para fazer talvez victimas d'ellas os que as não supportam.

Muitas ha que nascem antes do tempo e vivem, sendo ás vezes mesmo robustas; mas, no momento em que nasceu, o feto vinha acanhado e mal desenvolvido. N'este caso é necessario, além d'outras condições, dobrado calor artificial e durante algum tempo um grau de temperatura muito proximo ao do ventre materno que antes do tempo o expulsou.

Nos casos ordinarios ainda é preciso algum calor nos primeiros dias e depois com muita cautella é que se vae gradualmente diminuindo.

Mas, como iamós dizendo, as peças de roupa hoje geralmente adoptadas no vestuario das creanças, são as seguintes:

Para a parte superior uma pequena camisa que póde ser de linho ou algodão, um chambre por cima d'esta, que tambem póde ser dos mesmos tecidos, aberto pela parte de traz e preso por meio de laços de fita. Algumas vezes ainda, sobretudo nas estações frias, costuma collocar-se uma especie de collete, geralmente de flanella, entre aquellas duas peças.

Para a parte inferior servem-se d'uma especie de lenço de linho ou algodão, que dobram em triangulo, cuja base assenta sobre as costas da creança cobrindo-lhe as nadegas, estendendo-se depois as duas pontas sobre o ventre e vindo a terceira, passando entre as pernas, cruzar sobre aquellas.

Envolvem-se ainda os membros inferiores n'um outro panno que se estende até á

planta dos pés. Por cima de tudo isto passa-se uma mantilha de baeta, mas, como já aconselhamos, fechando-a de fórma a não estorvar os movimentos; a sua parte inferior póde cair livremente quando a estação o permitta; no caso contrario é conveniente fixal-a á parte superior, resguardando assim mais os pés da creança.

A cabeça não convem abafal-a muito, as toucas muito quentes devem ser regeitadas. Além das congestões que se provocariam n'essa parte do corpo, quando a descobrissemos constipar-se-hia facilmente.

No inverno veste-se-lhe uma touquinha de algodão, coberta com uma outra de flannella leve. Durante a estação calmosa póde substituir-se-lhe com vantagem esta segunda por uma outra mais fresca, de linho, por exemplo.

Contando tres ou quatro mezes já se lhe veste uma sainha de flannella e meias.

Durante a primeira infancia o vestuario das creanças dos dous sexos é o mesmo, com algumas modificações, de fórma a accommodal-o ao exercicio que ellas fazem

começando já a andar. Podem calçar-se-lhes sapatos para que se não magoem, mas devem ser de estofos molles e as suas dimensões taes que não possam de fórma alguma embaraçar os movimentos ou o desenvolvimento do pé.

É conveniente habituar a creança a trazer dentro de casa a cabeça descoberta; os cabellos, começando a crescer, protegem-na já mais ou menos das influencias exteriores.

Rousseau era de opinião que as roupas fossem as mesmas, quer de verão quer de inverno, áfim de a endurecer desde as primeiras idades contra as vicissitudes exteriores.

Essa experiencia não nos parece isempta de perigo, porque, como já dissemos, a creança nos primeiros periodos da vida arrefece com facilidade. Se não ha grandes inconvenientes em conservar-lhe durante as estações quentes as roupas de inverno, podiam pelo contrario esses ser graves quando se lhe vestisse n'essa estação as roupas do verão.

Nenhuma d'estas regras de hygiene se

póde tomar em sentido absoluto. O que conviria a uma creança vigorosa e d'uma boa constituição, podia ser muito nocivo a uma fraca e delicada.

Não devemos tambem evitar um excesso para cahir n'um outro; não se cubram inutilmente de flannels as creanças quando a sua saude o não exija, privando-as assim do effeito salutar que as impressões da atmosphaera, contidas dentro de certos limites, exercem sobre o corpo.

A influencia do frio sobre a pelle das creanças ou a da roupa insufficiente faz-se sentir tanto mais accentuadamente quanto mais proximas ellas estão da época do seu nascimento. Os órgãos respiratorios são os que se resentem mais. As bronchites, pneumonias e coryzas attribuem-se frequentemente a esta causa. E sobretudo esta ultima é um incommodo muito grave na creança d'esse tempo, porque se oppõe ao aleitamento, difficultando-o muito, visto trazer, como se sabe, em consequencia a obstrucção das narinas, unica abertura que lhe ficava das vias respiratorias no exercicio da sucção.

Por ultimo resta-nos dizer que estas precauções devem ainda ser maiores quando a creança tiver nascido antes do tempo, porque a experiencia diz-nos com effeito que n'este caso o arrefecimento se opera com mais rapidez.

Desmame

Em que época deve cessar o aleitamento da creança?

No principio da sua vida extra-uterina o leite era o unico alimento que lhe continha.

O estado rudimentar dos seus orgãos digestivos exigia esse alimento que, ao mesmo tempo que continha em proporções convenientes todos os elementos necessarios á nutrição, apenas requeria uma leve modificação para ser immediatamente absorvido pelos chyliferos e capillares d'aquelles orgãos.

Agora, porém, que a creança principia a desenvolver-se, que as glandulas salivares e gastricas começam a funcionar li-

vremeute, e os dentes irrompem para fóra dos seus alveolos, essa alimentação tão perfeita não basta, é preciso uma outra mais solida e substancial, que seja ao mesmo tempo mais azotada, mais condensada, que encerre menos agua e substancias não assimillaveis.

O desmame é, pois, agora para ella uma necessidade organica.

Mas devemos preparal-o com as maiores precauções; esperar que os órgãos cresçam e se fortifiquem creando assim aptidões para desenvolver a sua nova função, porque se algumas vezes, á maneira do que se observa nos animaes, a natureza só por si e livre de todos os recursos da arte effectua esta mudança de alimentação, outras observa-se uma verdadeira revolução no organismo, exposto a diversos accidentes e perigos que podem ter por vezes em resultado a morte da creança.

N'este momento precisa ella, mais ainda do que durante o aleitamento, da cuidadosa vigilancia e protecção da mãe.

Durante a gestação alimentou-a ella com o seu proprio sangue; nos primeiros

mezes da sua vida extra-uterina, deu-lhe o leite dos seus seios; agora cubra-o d'esse ambiente perfumado de affectos e de cuidados protectores, e terá completado a mais sublime missão da maternidade.

Quando se trata de desmamar uma creança, apresentam-se-nos ao espirito tres questões principaes a resolver:

Em que idade se deve effectuar o desmame?

Que precauções se devem tomar para que a creança não soffra com a privação do leite da mãe?

Qual é a alimentação que deve substituir a lactação?

Primeiramente cumpre-nos declarar que não podemos estabelecer um limite fixo com relação á época em que as creanças devem ser desmamadas. Seria demasiada affouteza da nossa parte marcar com precisão absoluta o que é essencialmente relativo e variavel por sua natureza.

Esse limite não póde ser o mesmo para

todas ellas, como facilmente se comprehende; está dependente de variadissimas circumstancias que dizem respeito tanto á creança como á mãe ou ama.

Assim precisamos ter em vista com relação áquella: a sua idade, erupção dentaria, saude, o momento em que começa a andar e ainda a estação. E da parte da mãe temos a attender á sua constituição e vigor e á quantidade e qualidade do leite.

Todas estas questões simultaneamente pesadas podem constituir um poderoso elemento de base para o momento do desmame; mas, ao contrario, qualquer d'ellas isolada, de fórma nenhuma nos poderia guiar n'esse sentido.

Temos primeiramente a idade. Antigamente os gregos e os romanos aleitavam as creanças até aos dous annos ou vinte e seis mezes.

Em França era tambem costume não desmamal-as senão aos dous annos, mas Gardien quer que essa época se ache subordinada á saude da creança; se esta é fraca e mal constituida, necessita de um aleitamento mais demorado, se ao contra-

rio apparenta robustez, póde habituar-se a comer mais cedo.

Trousseau diz que o desmame póde effectuar-se depois do rompimento dos dentes caninos, isto é, quando a creança contar approximadamente dezoito a vinte mezes.

Nos paizes quentes costumam effectual-o mais tarde que nos paizes frios, o que se explica pelas consequencias graves que traz por vezes comsigo a alimentação prematura nas latitudes meridionaes.

Entre nós a maior parte dos auctores inclinam-se ás theorias de Trousseau, tomando para base do desmame a erupção dentaria.

Com effeito a bocca da creança que não tem ainda dentes está naturalmente disposta para a sucção e não para a mastigação. Logo, porém, que aquelles irrompem, o rebordo alveolar offerece saliencias duras que iriam ferir o mamillo, e além d'isso as gengivas perfuradas pelos dentes não se poderiam applicar sobre elle d'uma maneira tão perfeita como quando a sua mucosa era contínua. Agora é ella mais apta para a funcção da mastigação.

D'uma maneira geral podemos dizer que o primeiro incisivo inferior apparece aos seis ou oito mezes de idade e é immediatamente seguido pelo segundo. Passados quarenta e tantos dias irrompem dois semelhantes no maxillar superior, quasi junctamente com os dois incisivos lateraes n'esse mesmo maxillar. Dois mezes depois véem os dois incisivos lateraes inferiores e os primeiros molares, dois em cada maxilla. Passados mais sessenta dias apparecem os caninos. Tres mezes depois os quatro ultimos molares.

Assim, pois, nós temos durante a evolução dentaria quatro intervallos, durante os quaes o trabalho da dentição fica suspenso.

Eis aqui approximadamente a época dos differentes grupos:

1.º grupo, dois incisivos medios na maxilla inferior.....	7.º mez
2.º grupo, quatro incisivos superiores	10.º >
3.º grupo, dois incisivos lateraes na maxilla inferior quatro pequenos molares.....	13.º >
4.º grupo, caninos.....	16.º >
5.º grupo, quatro grandes molares.....	20.º >

Portanto os intervallos ficarão comprehendidos:

1. ^o intervallo entre o.....	8. ^o e 9. ^o mez
2. ^o » »	11. ^o e 12. ^o »
3. ^o » »	14. ^o e 15. ^o »
4. ^o » »	17. ^o , 18. ^o e 19. ^o »

Querendo desmamar-se a creança durante aquella crise dentaria, aconselha Trousseau escolher um d'estes intervallos, porque durante a evolução de qualquer grupo observam-se frequentemente perturbações nas suas funcções digestivas e seria uma imprudencia effectuar o desmame n'essas occasiões.

Devemos ainda notar que aquellas épocas não são exactas para todas as creanças, por isso que os dentes não apparecem sempre n'aquellas idades.

Acaso será indifferente escolher qualquer d'aquelles intervallos para tirar o leite á creança?

Não; sempre que não seja de urgencia fazel-o mais cedo, devemos esperar o ultimo para que se faça o rompimento dos dentes caninos que mais frequentemente se fazem acompanhar de accidentes gra-

ves. Essa irupção dá-se quasi sempre depois que a creança attinge dezesete ou dezoito mezes de idade.

Ha todavia um grande numero d'ellas que, dotadas d'uma boa constituição e bem alimentadas, não se ressentem de fórma alguma d'esse periodo da dentição que passa, por assim dizer, para ellas despercebido.

N'este caso temos a observar o estado de saude e força em que se encontra a mãe ou a pessoa que amamenta. Se qualquer d'estas tiver notado que a sua saude periga em consequencia do consumo organico a que a sujeita esse aleitamento prolongado, deve retirar a creança do seu seio ou por completo ou pelo menos coadjuvando-a cuidadosamente com uma alimentação mixta. E o mesmo pôde e deve fazer quando tiver observado que o seu leite se torna pouco abundante ou é pouco nutritivo, porque n'este caso a creança não tardaria a soffrer essa má influencia, predispondo-se naturalmente ao rachitismo, lymphatismo, etc., terriveis doenças de que é necessario salvar-a n'estas idades.

Quando, ainda mesmo fóra d'estas causas, o apparecimento dos dentes promettesse demorar-se, podia haver uma condição que nos animasse a praticar aquelle desmame progressivo — era a saude da creança. Essa podia averiguar-se com mais ou menos facilidade.

Um rosto fresco e rosado, de olhar vivo e buliçoso, inundado de alegria, podia já fazer-nos suspeitar um estado muito satisfactorio; mas para adquirirmos a convicção mais ou menos perfeita fariamos um interrogatorio á mãe sobre o modo como se faziam as suas digestões, se havia ou não vomitos, se as dejecções eram diarrheicas ou esverdeadas, se o seu somno era tranquillo e continuo, não se interrompendo frequentemente com choros. Quando nos garantissem que todas aquellas funcções se executavam normalmente, a duvida podia desapparecer quasi por completo e proceder-se-hia então a essa phase preparatoria, tendo, porém, o cuidado de relacionar com a natureza do alimento a força digestiva das creanças.

Se, porém, a mãe é robusta e não re-

ceia a continuação do aleitamento e, além d'isso, a creança encontra n'elle uma alimentação sufficiente, não haja pressa em supprimil-o; e se a creança fôr fraca deve demorar-se o desmame, a não ser que a sua fraqueza resulte exactamente d'uma insufficiencia de nutrição occasionada pela má qualidade do leite.

D'uma maneira geral podemos estabelecer que o desmame da creança se não deve effectuar antes da idade de quinze a dezoito mezes, preparando-o previamente com a alimentação mixta, como já vamos indicar.

A época do anno deve tambem ter-se em conta para effectuar essa mudança de alimentação.

Todas as estações teem sido a seu turno preferidas por varios auctores.

Michel Lévy, no seu livro intitulado — *Traité d'hygiène*, diz que as creanças sãs e robustas podem ser desmamadas em qualquer estação. Cazeaux aconselha fazer o desmame no estio afim de as poder distrahir por fóra com as bellezas d'essa época do anno. Trousseau prefere o in-

verno para evitar as effecções digestivas que diz mais frequentes no estio. Brochart insiste em que se deve fazer o desmame, de preferencia na primavera ou outomno.

E nós agora, se nos perguntassem a nossa opinião sobre este ponto, declarariamos que somos inteiramente do parecer d'este ultimo auctor; quando a creança é sadia e se conserva n'esse estado, importa pouco a estação em que se lhe faz o desmame; mas se, pelo contrario, é fraca e doente, muda então o caso de figura, como se costuma dizer vulgarmente. Se a atacam durante o estio essas terriveis diarrheias ou durante o inverno qualquer affecção das vias respiratorias, como uma coqueluche ou bronchite, a creança resente-se ás vezes gravemente d'essa mudança de alimentação. O leite d'uma boa ama não póde ser substituido por medicação alguma n'essas circumstancias.

Preparação para o desmame e precauções a tomar contra os accidentes que podem acompanhal-o.
— **Alimentação complementar da creança durante o aleitamento.**

Assim como a digestão domina e rege todas as funcções da primeira infancia, assim a alimentação domina a hygiene d'este primeiro periodo da vida. Não pede demonstração, mostra-o todos os dias a pratica, que quando esta é bem dirigida são fortes e vigorosas as creanças; quando, pelo contrario, leviana e inconscientemente conduzida, temos o seu depauperamento e por vezes a sua completa ruina.

Quando, por qualquer causa das que indicamos, ha necessidade de supprimir o leite materno ás creanças, procede-se á sua substituição por uma nova alimentação.

Esta operação, como já sabemos, tem o nome de desmame.

Querem alguns auctores que este se prepare d'uma maneira gradual e progressiva. Outros, pelo contrario, que se faça n'um só momento, passando a creança

bruscamente da alimentação lactea á alimentação do adulto.

Desde já abertamente nos declaramos partidarios da primeira opinião. Fazendo-se o desenvolvimento da creança d'uma fôrma progressiva é logico pensar que esta mudança na sua alimentação se deve effectuar de igual modo.

Concordamos que aquelle ultimo methodo tenha suas vantagens para certas amas; é muito mais commodo realmente, mas não nos devemos admirar então de ver sobrevir á creança, cujos orgãos não foram preparados para a nova funcção, uma enterite grave ou qualquer outra perturbação que ponha em risco a sua vida.

Gardien revolta-se energicamente contra este modo de proceder, como capaz dos desarranjos mais perigosos nas digestões da creança.

Como quer que seja, suppondo da primeira opinião maior numero de adeptos, vamos indicar d'uma maneira geral a fôrma que nos parece mais conveniente de effectuar esse desmame progressivo ou preparar a mudança de alimentação nas crean-

ças. Temos aqui duas questões importantes a resolver simultaneamente: a primeira consiste em fazer esquecer pouco a pouco o seio á creança; a segunda está em escolher uma alimentação que vá substituir entretanto o *deficit* do seu primeiro alimento.

Da solução da primeira póde encarregar-se a ama, indicando-se-lhe mais ou menos a maneira como ella ha de proceder. Assim, na primeira semana, começará por lhe apresentar uma vez de menos o seio nas vinte e quatro horas e convem que essa suppressão se faça especialmente de noite; na segunda deve supprimir-lh'o já duas vezes no mesmo prazo de tempo; na terceira, tres; e assim successivamente nas seguintes, até que a creança fique a mamar apenas uma vez por dia. Depois deixará passar vinte e quatro horas sem lhe dar o seio, esperando para o dia seguinte que elle se lhe encha novamente. Em seguida deve fazel-a esperar já dous dias, depois tres, etc., ao mesmo tempo que provoca á creança a repugnancia pelo leite, untando os mamillos com genciana, por exemplo, aloés ou coloquintidas.

Procedendo d'esta fórma ha ainda a vantagem para a ama de vêr a sua secreção lactea diminuir pouco a pouco, acabando por se suspender completamente sem que tenha necessidade de fazer uso de medicamentos alguns para esse fim.

Previne-se ainda até certo ponto, actuando assim gradualmente, o apparecimento da febre hectica, que se declara muitas vezes nas creanças recentemente desmamadas e que se deve attribuir a uma reacção do tubo digestivo que ainda se não encontrava capaz de supportar essa penosa elaboração com uma alimentação exclusivamente solida.

O desmame completo suppõe-se dado na occasião em que a creança deixou definitivamente de pegar no seio que a alimentava.

Posto isto, temos nós de resolver a segunda questão que deixamos indicada—saber qual a alimentação complementar que convem á creança durante aquella phase preparatoria.

Quando tratamos de alimentar a creança privada da sua subsistencia natural, não nos devemos esquecer de que o seu estomago é differente do do adulto.

Podemos comparal-o a um tubo vertical com uma leve dilatação no centro, baixado quasi parallelamente ao corpo, tomando gradualmente essa posição horizontal que em nós apresenta, á medida que a creança cresce.

O estomago n'estas condições não póde ser destinado a receber e muito menos a digerir esses decoctos e caldos com que se tenta tão cedo engorgital-o.

Devemos ter sempre presente n'estas tenras idades a ausencia quasi total dos dous meios mais importantes de fermentação do estomago e duodeno, a saliva e a diastase pancreativa. Esperemos, pois, que essas secreções naturaes se formem para lhe ministrar aquelles alimentos.

O dr. Francisco José d'Almeida no seu *Tratado de Educação Physica dos Meninos*, fallando do sustento mais adquado áquelles, diz:—que ao cabo de dous ou tres mezes se a creança é forte e sadia

póde já usar de algum alimento tenue e liquido, mas que certamente era pelo leite dos diversos animaes que se deveria principiar em virtude da grande analogia que tem com a nossa propria alimentação.

A nossa opinião é essa tambem. Assim se deveria principiar sempre esse despegar do seio á creança. E ha muitas mães que inconscientemente o fazem. De saude delicada e pouca abundancia de leite, ajudam a alimentação de seus filhos com leite de um animal.

Ahi principiou rigorosamente o desmame. Temos, portanto, assente que deverá ser esta a melhor regra a seguir, de voltar a insistir em alguns pontos que já atraz tratamos sob o titulo de alimentação artificial, mas a que muito propositadamente demos então pouco desenvolvimento em consequencia de o considerarmos prejudicial como meio exclusivo, e feito logo de principio, de alimentar as creanças.

O seu emprego tem, porém, agora, perfeito cabimento. Portanto, volvemos a falar n'elle.

Amamentação mixta ou começo do desmame na creança

No exemplo que ha pouco citamos em que as mães não podem só por si occorrer ás necesssidades da amamentação do filho, dissemos que tinham por costume principiar insensivelmente a preparal-o para o desmame, ministrando-lhe conjunctamente com o seu, leite de alguns animaes.

Não é novo este modo de alimentar as creanças. Já as memorias mythologicas dos deuses e heroes da antiguidade nos dizem que Jupiter fôra amamentado pela cabra Amalthea nas cavernas do monte Ida.

Nas provincias da Allemanha e Suissa, como já relatamos, pratica-se isso ainda hoje muito e com resultados satisfactorios.

Comtudo ha quem pretenda que seja essa a causa da grande mortalidade nas creanças, aconselhando banir completamente esse processo.

Nós, porém, com a maxima imparcialidade, sem querer applaudir opiniões de uns e deprimir theorias de outros, confessamos que nos parecem exagerados aquel-

les receios, quando se ministrasse com todo o rigor hygienico essa alimentação, auxiliando-a concomitantemente com o seio materno.

Encontramos-lhe duas causas possiveis de perigos que se poderiam attenuar em muitos casos: a primeira está na maneira leviana como se offerece o leite de qualquer animal á creança sem se attender á idade e constituição d'ella; a segunda apresenta-a a natureza e disposição do apparelho de que se faz uso para esse effeito. Este ultimo inconveniente ainda poderia desaparecer quando a creança mamasse o leite directamente na sua origem organica; era então uma especie de amamentação natural.

Mas apresenta quasi sempre este systema difficuldades, sobretudo na cidade, que o tornam complicado: nem sempre se póde alojar o animal dentro de casa nem proporcionar-lhe a alimentação e o ar que lhe convem. O leite tem então de lhe ser ministrado por qualquer dos processos conhecidos—biberon, copo ou colher.

D'entre estes fariamos a nossa escolha,

conforme a idade e desenvolvimento da creança. Assim, se fosse propriamente um desmame, na sua época natural, que se quizesse principiar, preferiríamos o copo ou a colher, pela facilidade maior com que se podem limpar, porque n'essa idade já a secreção salivar da creança está mais ou menos desenvolvida, não sendo tão necessario estimulal-a com a sucção a que obriga a fôrma porque é disposto o biberon e de onde deriva a principal vantagem que se lhe conhece.

Se, porém, é antes rigorosamente um começo de desmame que se vae praticar desde tenra idade, e ainda uma verdadeira alimentação mixta, então conviria empregar de preferencia aquelle apparelho pelos motivos já apontados e tambem porque a sucção que a creança exerce ajudaria o desenvolvimento dos seus musculos bucaes e respiratorios.

É, por assim dizer, uma imitação grosseira do seio da mãe; consta de um recipiente onde está contido o leite, munido de um mamillo para receber os labios da creança.

Tem-se dado a este apparelho fórmas muito variadas, tendentes a aperfeçoal-o cada vez mais, de modo a realisar practicamente todas as condições de commodidade, solidez e limpeza, que deveria sempre reunir um apparelho d'esta importancia.

Os mais antigos eram os mais simples; compunham-se d'uma compressa de linho dobrada em fórma de cylindro e que mergulhava por uma das suas extremidades n'um vaso de leite; o liquido subia por capillaridade até á outra que era collocada na bocca da creança.

Como se vê, era da maior simplicidade possivel; pois, apesar d'isso, este apparelho, sujeito quasi inevitavelmente a uma falta de limpeza grande, devia ser abandonado.

Substituiu-o então o biberon verdadeiro, composto de um frasco de vidro com a capacidade de um decilitro approximadamente, sustentando no gargalo uma pequena esponja preparada *ad hoc* sahindo fóra d'aquelle na extensão d'uma pollegada. Um bocado de cambraia ou cassa envolve esta esponja segura por um fio moderadamente

apertado afim de não embaraçar o escoamento do liquido.

Este aparelho, ainda tão simples como se vê, e de muito uso, exige uma rigorosa limpeza na esponja ou mamillo onde se applicam os labios da creança. Sem esta precaução, a que difficilmente se obrigam as amas, o leite azeda nos poros da esponja e communica depois um sabor muito desagradavel ao outro que sahe.

Afim de remediar estes inconvenientes continuaram as tentativas de aperfeiçoamento.

Veio o biberon de M.^{me} Breton; é um frasco atravessado no meio da sua parede por um orificio destinado á entrada do ar; o collo é fechado por uma rolha de crystal em fórma de mamillo cobrindo uma especie de teta ou ubre de vacca preparado. Este biberon offerece evidentemente todas as condições de limpeza que se podem de-sejar.

O biberon Darbo, que gosou em tempo d'uma grande reputação, é um pouco mais complicado; o topo ou extremidade onde a creança suga é de cortiça ou marfim

adaptada a uma rolha tambem de qual-
quer d'essas substancias. Dentro ha uma
haste de marfim com uma ranhura em es-
piral por onde sobe o leite; uma especie
de chave ou parafuso introduz-se n'essa
haste e regula, segundo a sua posição, o
escoamento do liquido.

O do auctor Charrière tem um mamillo
de marfim amollecido com o acido chlor-
hydrico, que, com a condição de ser con-
servado em agua morna quando não está
em uso, conserva a maior limpeza unida á
flexibilidade dos mamillos naturaes.

Thier apresenta um outro modelo; um
tubo curvo e flexivel que por uma extremi-
dade desce até ao fundo do frasco e na ou-
tra supporta um mamillo de marfim co-
berto de cortiça; uma especie de chave
em parafuso atravessa o orificio de ar da
rolha e póde regular o escoamento do li-
quido.

Temos ainda o biberon Guilbaut, que só
póde recommendar-se pela sua solidez e
obriga a uma constante e rigorosa limpeza
pela sua disposição.

Finalmente os biberons parisienses, do

commercio, e o biberon Thevenot, reúnem em si a limpeza e a solidez requeridas. O recipiente é um frasco com vidro de grande espessura; o leite corre para um tubo recto ou curvo que mergulha mais ou menos no liquido e cuja extremidade inferior, aquella que se submerge no frasco, póde estar guarnecida d'uma cambraia leve para evitar a introduccão dos coagulos do leite que poderiam obstruir o orificio de succão; a rolha apresenta cavado um sulco para a introduccão do ar; e o topo é de marfim ou cortiça. Este mamillo, pouco flexivel, só imperfeitamente reproduz o mamillo natural; e, além d'isso, quando a creança conta alguns mezes, esse attrito continuado do tubo de marfim entre as gengivas que naturalmente o vulgo suppõe vantajoso para lhe facilitar a sahida dos dentes, á maneira das rodinhas que empregam para esse effeito, actúa antes, como se sabe, em sentido contrario, endurecendo-as e tornando-se por conseguinte o rompimento d'aquelles mais difficil.

N'esta longa enumeraçãõ que fizemos, descrevemos apenas os biberons hoje ain-

da empregados, omittindo, porém, muitos já esquecidos e cuja fabricação não existe actualmente.

Entretanto haveria ainda muitos mais a citar. Mas d'entre esses e os que apontamos dariamos a preferencia ao de M.^{me} Breton como sendo, ao que parece, o que reúne em si todas as condições de limpeza, simplicidade e solidez que se podem exigir d'este apparelho.

O que é necessario, porém, seja qual fôr o biberon que se empregue, é conserval-o n'um grande estado de limpeza, desmontal-o muitas vezes e lavar separadamente as peças que o compõem; e depois de levantados estes principaes inconvenientes, feita devidamente a escolha do leite que ha de servir, terão desapparecido na maior parte os argumentos que apresentam os adversarios d'aquelle systema para o condemnarem tão energicamente.

O nosso scepticismo não nos leva tão longe a ponto de julgarmos em todos os casos irremediavelmente viciosa aquella pratica.

Auxilie-se o aleitamento ao biberon ou

copo com o seio materno para preencher o *deficit* d'esta alimentação, vigie-se com solicitude e amor de mãe a limpeza d'aquelles, e teremos um excellente e talvez unico modo de preparar muito favoravelmente a desmamação na creança.

O leite que se lhe administrou deve ser graduado segundo as necessidades e forças digestivas na creança.

É logico que se procure um succedaneo ao leite da mulher na idade em que elle se acha quando vae ser-lhe supprimido.

Incontestavelmente, durante os primeiros mezes, o leite de jumenta, em virtude da sua mais facil digestão e semelhança de composição com o d'aquella, seria o mais conveniente, pelo menos nas seis primeiras semanas ou dous primeiros mezes, como aconselha Tarnier; mas a partir d'este tempo o leite d'esse animal é insufficiente e muito leve, o que faz com que o de vacca seja preferivel, tendo-se no entanto o cuidado de graduar na devida proporção a quantidade e diluição d'aquelle liquido; mas a caseina que elle contém não é da mesma natureza que a do leite

de mulher, que no succo gastrico se coagula em pequenos filamentos, enquanto que a caseina do leite de vacca fórma um coagulo compacto; e, além d'isso, muito abundante, não conviria senão a uma creança de oito a dez annos. A solução a que o submettem póde dar em resultado a proporção conveniente na quantidade de caseina, mas não corrigirá a natureza da sua coagulação e apresenta a desvantagem de diminuir de metade a sua riqueza em manteiga, assucares e phosphatos.

Aconselham então alguns auctores substituir aquelle leite por um liquido composto de gemmas de ovos diluidas em agua assucarada, a que dão o nome de leite de gallinha.

O ovo com effeito, constitue um alimento tão completo como o leite, porque debaixo do seu delgado involucro calcareo encerra todos os materiaes necessarios á existencia do novo individuo, que encontra ahi os elementos necessarios para a reparação dos seus musculos e ossos.

O seu valor alimenticio é sete vezes maior, mas falta-lhe completamente o as-

sucar do leite. Todavia, dizem, se juntarmos a uma quantidade de cinco gemmas de ovos 600 grammas de agua fervida, contendo 40 de lactose ou maltose, obtaremos um liquido que para a alimentação da creança equivale ao leite materno.

Supponhamos agora uma época em que a creança apresenta os dentes já fóra dos seus alveolos quando os musculos principiam a desenvolver-se. N'este momento não lhe bastam o leite materno nem esse de gallinha que indicamos; a sua alimentação agora precisa ser mais azotada, mais condensada, contendo menos agua, mas tão rica em phosphato de cal e elementos hydrocarbonados como o proprio leite.

Mas até hoje não existia ainda preparação alguma alimenticia que podesse resolver este problema. Todas essas massas de farinhas e feculas de differentes vegetaes que se conheciam, tinham o inconveniente de se apresentarem depois de cosidas muito pesadas para o estomago da creança e não encerrarem uma proporção sufficiente de phosphato de cal.

Apparecem agora esses alimentos taes

como a gemma do ovo e uma especie de cevada preparada e germinada artificialmente que se emprega no fabrico da cerveja e a que os francezes chamam *malt*; esta substancia fornece á creança um asucar especial e um gluten muito dividido e preparado para desenvolver os seus membros; e por outro lado na gemma do ovo encontra ella os alimentos gordos necessarios para a producção do calor, o phosphato de cal necessario para a reparação do seu systema osseo e uma albumina que se precipita em filamentos leves.

Os corpos gordos, a proteína e o phosphato de cal encontram-se ainda ahi n'um estado mais perfeito do que no proprio leite, pois que sem digestão previa estes elementos se transformam espontaneamente quando aquelle é fecundado, nos musculos, gordura e ossos do novo ser.

Bonchut e Blache, estudando profundamente o assumpto, concordaram na verdadeira vantagem da associação d'aquellas substancias.

Defresne, cuja competencia sobre a digestão e digestibilidade dos alimentos é in-

contestavel, preparou sob o nome de *farine maltée* uma mistura d'aquellas duas substancias em condições taes que os elementos azotados, hydrocarbonados e mineraes, estão inteiramente na mesma relação que no leite materno.

E se nos permittem, indicaremos algumas observações clinicas que podem confirmar as vantagens d'esse como alimento complementar da primeira infancia.

Primeira observação. — Vangenare, quando consultado ha mezes por uma mulher que se queixava de que uma sua filhinha de dez mezes de idade apresentava signaes d'uma grande fraqueza nas pernas, apesar da sua boa apparencia, notou com effeito uma creança nutrida, mas de carnes molles e descoradas e que não podia, mesmo quando segura pelos braços, sustentar-se nos pés. Estes membros apresentavam essa fórma a que os francezes chamam *piéd bot*; a cabeça pendia para a direita ou para a esquerda, parecendo demasiado pesada aos musculos occipitodorsaes. E, como dizia a mãe, a creança estava sempre triste.

Áquelle auctor pareceu-lhe então vêrahi as consequencias d'uma alimentação incompleta, que desenvolvia progressivamente o tecido cellular-adiposo com prejuizo dos musculos e ossos. Soube que essa creança, a principio alimentada ao seio da mãe, tinha depois sido, em consequencia d'uma doença d'aquella, submettida ao aleitamento pelo biberon; depois, aconselhada por uma sua amiga, ministrava-lhe uma especie de massa de farinha que o commercio expunha á venda, composta unicamente de fecula e assucar. A creança, a cada indisposição digestiva, era atacada de diarrheia verde.

Foi submettida desde então ao uso da *farine maltée*, de Defresne, á qual se habituou immediatamente sem repugnancia alguma. A principio a dóse era de uma colher de farinha por dia diluida em quatro de agua em ebullicão; depois augmentou-se pouco a pouco até que ficou a tomar quatro colheres por dia. O seu uso não se fez seguir de desarranjo algum intestinal.

Hoje essa creança tem quinze mezes;

apresenta as carnes duras e rosadas; sustenta-se já de pé perfeitamente e anda mesmo apoiada ás paredes ou a qualquer movel que encontra; a cabeça direita e finalmente a sua alegria constitue agora a principal felicidade dos paes.

Segunda observação. — Uma creança, filha de B..., tinha onze mezes quando a vimos pela primeira vez o anno passado. Apresentava um aspecto rachitico arruinando-a, segundo nos disseram, desde varias semanas; uma diarrheia verde muito abundante; achava-se, além d'isso, atravessando essa crise da dentição, e os seus choros continuados accusavam um grande soffrimento. Aconselhamos a mãe a dar-lhe a *farine maltée*, cujos resultados nos tinham influenciado tão animadoramente. Para combater a diarrheia demos a tomar, segundo o conselho de M.^{me} Henry, tres a quatro colheres em 24 horas da bebida seguinte:

Rhum.....	3 colheres
Agua.....	Meio litro

E se isto não dêsse resultado, funda-

mentando-nos nas idéias de Bouchard sobre a antiseptia intestinal:

Naphtol B.....	0gr.05 centigs.
Agua.....	250 grs.

O resultado, porém, da primeira mistura não se fez esperar; logo no dia seguinte a diarrheia principiou a diminuir; passados mais doze dias tinha completamente desaparecido e os dous primeiros incisivos haviam rompido. O uso d'aquella farinha foi continuado regularmente, e nós voltamos a vêr o nosso doentinho alguns mezes mais tarde; contava então vinte e um mezes e todos aquelles accidentes que compromettiam a sua existencia tinham desaparecido. Aos seis mezes havia principiado a andar. O bom aspecto que ella apresentava agora levou-nos á curiosidade de experimentar o seu peso; effectuamol-o e a balança accusou-nos trinta arrateis.

Este caso parece sufficientemente comprovativo.

Terceira observação. — Duas familias das Antilhas, chegadas o verão passado a Lisboa, traziam cada uma a sua creança,

uma de sete mezes e outra de dez. Alimentavam-nas com uma farinha de proveniencia americana, o *corn starch*.

A mudança de clima não tardou a perturbar-lhes a saude e uma diarrheia assustadora, acompanhada de vomitos, ameaçava victimal-as. Indicou-lhes um medico d'aquella capital o uso da farinha a que temos alludido. O successo foi completo: essas creanças hoje gosam de uma saude esplendida, andam já e a dentiçao faz-se regularmente. Uma d'ellas com quinze mezes pesa vinte e seis arrateis.

Finalmente, terminando, aconselhamos o uso da farinha de Defresne, como alimentação complementar da primeira infancia e para preparar a desmamação nas creanças.

Não ha mesmo duvida em substituir por essa farinha o leite materno desde os primeiros mezes da vida, quando a mãe não puder por qualquer motivo alimentar o filho. Mesmo n'estes casos ella é empregada com vantagem.

Attingindo a creança dous annos, que é a época approximadamente da erupção

de todos os dentes, e estando assim bem preparada, passe-se então á alimentação do adulto com as precauções devidas e vigiando a miudo o seu aparelho digestivo.

Essa alimentação, porém, sahe já fóra dos limites que traçamos ao nosso trabalho e, portanto, damol-o por findo aqui.

PROPOSIÇÕES

Anatomia — O grande sympathico é uma dependencia do systema nervoso central.

Physiologia — É de necessidade para a cellula nervosa continuar o uso do excitante a que se habituou.

Therapeutica — Não se devem ministrar os clysteres opiaceos ás creanças.

Anatomia pathologica — Pelos caracteres anatomo-pathologicos é difficil distinguir a pyohemia da septicemia.

Pathologia externa — Não admittimos a existencia da erysipela espontanea.

Pathologia interna — A angina nas creanças não se faz sempre acompanhar de difficuldade na deglutição.

Operações — De todos os processos empregados no tratamento dos kystos ovaricos, damos a preferencia á ovariectomia.

Pathologia geral — Como unico meio seguro de diagnostico entre o cancro e os polypos fibrosos do utero, ha o toque vaginal.

Medicina legal — A responsabilidade medica, sendo um facto de consciencia, não deveria ser abraçada dentro das nossas leis.

Partos — Como melhor meio de tratamento da eclampsia, aconselhamos a provocação immediata do parto.

Approvada.

O. Monteiro.

Póde imprimir-se.

O director,

Visconde d'Oliveira.